

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS - CCJE  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS – FACC



TATIANA RESENDE CARVALHO DE OLIVEIRA

**O ENSINO EMPREENDEDOR NA GRADUAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO DE  
EMPRESAS NAS IES DO BRASIL**

RIO DE JANEIRO – RJ  
2019

TATIANA RESENDE CARVALHO DE OLIVEIRA

**O ENSINO EMPREENDEDOR NA GRADUAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO DE  
EMPRESAS NAS IES DO BRASIL**

Monografia apresentada como requisito parcial  
à obtenção de grau de Bacharel em Administração à  
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(FACC/UFRJ).

Orientador: André Baptista Barcaui

RIO DE JANEIRO – RJ  
2019

TATIANA RESENDE CARVALHO DE OLIVEIRA

# **O ENSINO EMPREENDEDOR NA GRADUAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS NAS IES DO BRASIL**

Monografia apresentada à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Administração aprovada pela seguinte banca examinadora:

---

Professor Doutor André Baptista Barcaui

---

**AGUARDAR... Provavelmente Synval...**

Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 2019.

## **AGRADECIMENTOS**

*Dedico todo esforço da trajetória, assim como deste trabalho, a todos que me incentivaram academicamente - aos mestres pelos ensinamentos compartilhados, aos companheiros de turma que nas horas das dúvidas estavam sempre dispostos a ajudar, aos familiares que não me deixam desistir, em especial ao meu sobrinho Gustavo e ao meu afilhado Arthur, aos quais eu desejo ser exemplo de vida. E não poderia deixar de dedicar a Deus, que me manteve em pé durante toda essa jornada.*

## **RESUMO**

O objetivo do presente estudo foi identificar e analisar a oferta de ensino empreendedor nas instituições brasileiras de ensino superior. O método utilizado foi a revisão bibliográfica, documental e exploratória dos artigos científicos publicados nos últimos dez anos nas principais bases de periódicos. O resultado encontrado sugere que o empreendedorismo é considerado relevante e pode colaborar para o desenvolvimento econômico do país. A oferta do ensino do empreendedorismo ocorre nas instituições de ensino superior brasileiras por meio de abordagens variadas, não existindo um consenso acerca dos métodos que garantam maior efetividade. No entanto, os autores dos artigos pesquisados sugerem que seja dada ênfase ao ensino voltado para a prática e não somente à teoria. Há também sugestões no que tange à expansão do ensino em todos os níveis educacionais e na interdisciplinaridade.

**Palavras-chaves:** empreendedorismo, empreendedor, ensino, educação.

## **ABSTRACT**

The objective of the present study was to identify and analyze the offer of entrepreneurial education in Brazilian institutions of higher education. The method used was the literature review and exploratory revision of scientific articles published in the last ten years in the main search databases. The result found suggests that entrepreneurship is considered relevant and can contribute to the economic development of the country. The offer of entrepreneurship education occurs in Brazilian higher education institutions through a variety of approaches, and there is no consensus on the methods that guarantee greater effectiveness. However, the authors of the articles surveyed suggest that emphasis should be given to teaching that is focused on practice and not just on theory. There are also suggestions regarding the expansion of education at all levels of education and interdisciplinarity.

**Keywords:** entrepreneurship, entrepreneur, education.

## ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADRO 1: NÚMERO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO.....	17
QUADRO 2: PRINCIPAIS MÉTODOS, TÉCNICAS E RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO.....	21
QUADRO 3: ANÁLISES DO GEM – PERÍODO DE 2000 A 2009.....	29
QUADRO 4: RANKING DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO.....	31
GRÁFICO 1 - ARTIGOS SOBRE EMPREENDEDORISMO PUBLICADOS NOS ÚLTIMOS 10 ANOS.....	33
GRÁFICO 2 -DELIMITAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES A SEREM ANALISADAS – BASE CAPES.....	34
QUADRO 5: RESULTADOS DA BUSCA POR ARTIGOS - PALAVRAS-CHAVE EMPREENDEDOR E ENSINO – BASE CAPES.....	34
GRÁFICO 3 –DELIMITAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES A SEREM ANALISADAS – BASE SCIELO.....	37
QUADRO 6: RESULTADOS DA BUSCA POR ARTIGOS - PALAVRAS-CHAVE EMPREENDEDOR E ENSINO – BASE SCIELO.....	37
QUADRO 7: PONTOS RELEVANTES DOS ARTIGOS ESTUDADOS.....	39
QUADRO 8: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS MAIS CITADAS.....	49

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO .....	8
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	8
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA .....	11
1.3 OBJETIVOS .....	12
1.3.1 Objetivo geral.....	12
1.3.2 Objetivos específicos.....	12
1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO .....	12
2.REFERENCIAL TEÓRICO .....	14
2.1 CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO .....	14
2.2 ENSINO EMPREENDEDOR.....	16
2.3 PESQUISA SEBRAE/ENDEAVOR SOBRE EMPREENDEDORISM NA UNIVERSIDADE .....	25
2.4 A PESQUISA DO PROJETO <i>GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM)</i> .....	28
3.METODOLOGIA .....	33
4.ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	39
5. CONCLUSÕES .....	52
6. REFERÊNCIAS.....	54

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas últimas décadas as organizações redefiniram seus negócios de modo a se tornarem mais competitivos na economia global, por meio da reorganização e reestruturação, promovendo mudanças na identidade ou cultura e buscando se adequar ao novo espírito empreendedor (Henrique & Cunha, 2008). As mudanças nos padrões de relações de trabalho, com redução do emprego formal em grandes empresas, fazem com que seja necessário encontrar alternativas de colocação profissional aos estudantes (Iizuka & Moraes, 2014).

O atual contexto de mudança e avanço tecnológico provoca modificações na estrutura de emprego, em que as grandes empresas mundiais têm dado prioridade aos cortes de pessoal, terceirização e diminuição da estrutura organizacional (Pardini e Santos, 2008), originando novas carreiras, ocupações e qualificações, cabendo ao sistema de ensino o desenvolvimento de novas competências (Souza et al., 2006 apud Ching & Kitahara, 2015).

Em decorrência dessa realidade, a educação empreendedora passou a ocupar posição estratégica no campo econômico e social no cenário mundial, por isso é preciso aprender sobre empreendedorismo. A formação de novas empresas tem estreita relação com o universo educacional (Batista, 2004 apud Ching & Kitahara, 2015), sendo a Universidade o ambiente que irá promover o desenvolvimento destas competências e a dispersão de uma cultura empreendedora.

As escolas de negócio brasileiras estão percebendo tal tendência e vem buscando alternativas. O empreendedorismo emerge como uma das possibilidades de ação para as instituições de ensino (Iizuka & Moraes, 2014).

As instituições de ensino têm um papel primordial na sociedade se considerarmos que as bases da produção estão fundamentadas na informação e no conhecimento, se constituindo em um locus propício para o desenvolvimento das habilidades de raciocínio independente, criativo e inovador. Tais instituições também deverão prover o acesso ao conhecimento, à geração de novos conhecimentos, bem como sua difusão. A Universidade é o espaço que promove o início da inserção da cultura empreendedora (Dolabela, 2008 apud Ching & Kitahara, 2015) além de promover o empreendedorismo entre os seus estudantes (Padilla-Melendez et al., 2014 apud Ching & Kitahara, 2015).



Segundo Iizuka & Moraes (2014) uma educação empreendedora na graduação possibilita uma formação mais sintonizada com um mercado de trabalho exigente, na qual se acompanha mudanças na relação capital-trabalho e com valorização do conhecimento.

Isto implica no desenvolvimento do perfil empreendedor do aluno por meio da capacitação, de modo que ele possa criar, conduzir e executar o processo de elaboração de novos planos de vida (Souza, 2001 apud Ching & Kitahara, 2015). Para Dolabela (2007, apud Muylder, Dias & Oliveira, 2013) é preciso construir um senso de empreendedorismo. É importante implementar uma educação empreendedora no Brasil, provendo alternativas ao desenvolvimento sócio econômico brasileiro.

Acredita-se que a educação empreendedora pode beneficiar a qualidade da preparação e gerar acréscimo ao número de jovens inovadores, proativos e com iniciativa, preparando-os tanto para o trabalho em uma organização ou atividade autônoma, quanto para a gestão de seu próprio negócio (Schaefer & Minello, 2016).

Muylder, Dias & Oliveira (2013) concordam e reafirmam a importância das instituições de educação na implementação de um projeto pedagógico que contemplasse educar os estudantes para abrir e desenvolver um empreendimento. Segundo Eslabão & Bon Vecchio (2016), as condições de educação e capacitação afetam diretamente a possibilidade de gerar negócios inovadores. Inclusive os órgãos internacionais voltados para ações de desenvolvimento e educação também enfatizam a importância do incentivo à educação empreendedora como destacado a seguir:

A importância da educação empreendedora para o desenvolvimento de uma nação tem sido reconhecida, não apenas no Brasil, mas em diversos países do mundo, tendo sido colocada como prioritária nas agendas e debates políticos, econômicos e acadêmicos, incluindo os mais altos níveis de discussão das Nações Unidas (UNCTAD, 2015; LIMA et. al., 2015a apud Schaefer & Minello, 2016, p. 61).

Segundo encontros realizados pela UNCTAD – *United Nations Conference on Trade and Development*<sup>1</sup> - (2011, apud Schaefer & Minello, 2016) - órgão internacional da ONU responsável pela economia e pelo desenvolvimento – recomenda atenção para quatro áreas-chave consideradas fundamentais para o desenvolvimento da educação empreendedora: a) incorporação do empreendedorismo na educação e treinamento, b) o desenvolvimento curricular, c) o desenvolvimento do professor e d) o engajamento com o setor privado.

---

<sup>1</sup> Conferência das Nações Unidas em Comércio e Desenvolvimento

Além da *UNCTAD*, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) recomenda quanto ao desenvolvimento da educação empreendedora: promover o desenvolvimento da capacidade de inovar, reter conhecimento, desenvolver projetos próprios e lidar com as mudanças (Lopes; Teixeira, 2010 apud Schaefer & Minello, 2016).

A correlação entre desenvolvimento e empreendedorismo é de interesse abrangente. A relação entre empreendedorismo e crescimento econômico é investigada por meio da pesquisa denominada *Global Entrepreneurship Monitor – GEM*. Essa pesquisa internacional é liderada pela *London Business School* e o *Babson College* (EUA) e possui como objetivo avaliar o empreendedorismo no mundo, por meio de indicadores comparáveis, permitindo a identificação de fatores críticos que contribuem ou inibem a atividade empreendedora. O estudo, iniciado em 1999, investigou, até hoje, mais de 60 países de todos os continentes com graus de desenvolvimento econômico e social variados. Atualmente é a investigação de maior escopo nesta área, cujos relatórios, sumários e estudos derivados contribuem para ampliar o conhecimento inclusive de termos aplicáveis ao empreendedorismo (Campelli et al., 2011).

Segundo o relatório de 2015 resultado da pesquisa empreendida pelo *GEM*, o Brasil é um país empreendedor pois, 52 milhões de brasileiros entre 18 e 64 anos, ou seja, quase 40% da população, estiveram envolvidos na manutenção ou criação de um negócio, durante o ano de 2014.

Este estudo atesta a consolidação da pesquisa no Brasil e o alargamento da frequência com que formuladores de políticas e tomadores de decisão, públicos e privados, colocam demandas à equipe no momento de agir em prol do desenvolvimento dos negócios. Tal aumento de interesse também se verifica entre estudiosos do empreendedorismo (Campelli et al., 2011).

Quanto à entrada e saída do mercado, em publicação com dados de 2014, afirma o IBGE (2016) que as maiores taxas de entrada (25,4%) e saída (40,0%) no mercado foram registradas no segmento das empresas sem pessoal assalariado, enquanto as menores taxas foram encontradas naquelas com 10 ou mais pessoas assalariadas (2,9% e 1,4%, respectivamente).

Porém, a falta de preparo faz com que todo esse impulso positivo tenha muita dificuldade de se estabelecer. Segundo o SEBRAE, em média, 25% das pequenas e médias empresas no Brasil encerram suas atividades com apenas dois anos de existência. Este índice aumenta para 50% depois de cinco anos, afetando a economia e o potencial de geração de empregos. Isso porque muitos empreendedores não são levados a questionar-se sobre o seu novo

empreendimento, pois além de não receberem um ensino empreendedor não buscam informações no mercado (SEBRAE, 2016).

Tendo introduzido o tema da importância do empreendedorismo e do estímulo ao seu ensino, bem como seu potencial para o desenvolvimento econômico, serão apresentados a seguir o problema, os objetivos e a relevância do estudo que se deseja realizar.

## **1.2 PROBLEMA DE PESQUISA**

O tradicional papel desempenhado pelas instituições de ensino superior é o de educar os alunos preparando-os para assumirem cargos executivos nas grandes corporações (Gomes et al., 2014). Não se constituía em uma alternativa das propostas curriculares a possibilidade de uma formação voltada para empreender e construir sua própria trajetória nos negócios, descobrindo nichos de mercado possíveis.

O indivíduo hoje é chamado a se responsabilizar por sua própria trajetória, não devendo nutrir expectativas de que o mercado seja capaz de absorver toda a mão de obra egressa das universidades.

“Considerando que a tecnologia, a ciência e os novos modelos de gestão passaram a alterar o trabalho, diminuindo significativamente a quantidade de postos de trabalho e as suas relações, fez-se necessário incentivar novamente a categoria de trabalhadores autônomos, sob a tónica do conceito de empreendedorismo, que passa a assumir a responsabilidade pelo seu próprio trabalho, tanto na questão da renda quanto das contribuições legais para sua própria garantia (Munhoz et al., 2008, p. 162).”

Nesse momento, em que o mercado não é capaz de absorver a mão de obra formada pelas instituições de ensino superior, como essas mesmas instituições tem se posicionado de modo a ofertar opções de formação mais condizentes com a realidade do mercado de trabalho brasileiro?

O empreendedorismo se destaca como capaz de proporcionar a construção de mudanças nas estruturas dos negócios e da sociedade, além de se constituir em um mecanismo importante para o desenvolvimento econômico através do emprego, das inovações e do bem-estar. Tais transformações proporcionadas pelo empreendedorismo são acompanhadas pelo crescimento e por mais produção, permitindo que as riquezas obtidas com essas atividades sejam divididas pelos vários participantes, proporcionando, desta forma, resultados mais expansivos (Verga & Soares da Silva, 2014).

Neste estudo, pretende-se identificar como tem se dado a oferta do ensino empreendedor na graduação, considerando-se a sua relevância e o seu potencial de mudança frente as novas demandas de mercado.

## **1.3 OBJETIVOS**

### **1.3.1 Objetivo geral**

O objetivo geral desse trabalho de pesquisa é analisar, por meio das publicações de artigos científicos, como tem sido a oferta de ensino empreendedor nas instituições brasileiras de ensino superior.

### **1.3.2 Objetivos específicos**

- ✓ Identificar as iniciativas de ensino empreendedor no Brasil;
- ✓ Identificar a contribuição das metodologias atuais de ensino empreendedor para a formação de futuros empreendedores;

## **1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO**

Há mudanças nas relações de trabalho em que está sendo substituído continuamente o emprego estável com contratos a prazo indeterminado por variados arranjos em termos de tempo e períodos de trabalho, bem como em relação aos benefícios obtidos. O contexto necessita que se enfrentem as adversidades e sejam buscadas soluções alternativas (Iizuka & Moraes, 2014).

A atividade empreendedora, na criação de um negócio, estabelece-se como alternativa de empregabilidade para o jovem brasileiro, se constituindo em opção de ocupação e desenvolvimento profissional, mas também alternativa para inserção social e oportunidade de estímulo ao desenvolvimento socioeconômico da sociedade (Gomes et al., 2014).

Mas, para que os novos negócios tenham mais chance de subsistir, faz-se necessário que os empreendedores tenham maior embasamento para a realização de sua prática profissional. Segundo Gomes et al. (2014), uma das dificuldades encontradas pelos jovens hoje é a ênfase dada à formação em detrimento do conhecimento prático, ocasionando dificuldades para ter sucesso como empreendedores.

O tema do ensino e aprendizagem se constitui, segundo Iizuka & Moraes (2014) em uma das perspectivas mais tradicionais de investigação sobre empreendedorismo no Brasil, em que os pesquisadores do tema desejam enfatizar o papel das escolas de Administração em, não só estimular, como mostrar aos alunos a possibilidade de desenvolver uma carreira como empreendedor.

Considerado o cenário brasileiro, identificar a oferta de ensino empreendedor pode colaborar para que se compreendam as necessidades e as oportunidades de expansão no que tange ao ensino empreendedor.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Este capítulo apresenta-se subdividido em quatro partes. Foi apresentada uma conceituação dos termos empreender e empreendedorismo. A seguir tratar-se-á do ensino empreendedor, as iniciativas e metodologias de ensino. Serão apresentadas ainda as informações trazidas pelas pesquisas realizadas pelo Sebrae/Endeavor e pelos relatórios do GEM, que oferecem um panorama do empreendedorismo no Brasil.

### **2.1 CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO**

Tratando da evolução histórica dos termos “entre” e “preneur”, de acordo com Verga & Soares da Silva (2014), no século XII, o termo, sob a forma “entrepreneur” era usado para referir-se “àquele que incentiva brigas”. Já no século XVII, representado pela era econômica, o empreendedor estava ligado à pessoa que “tomava a responsabilidade e coordenava uma operação militar” (Siqueira & Guimarães, 2007), e no fim deste século e início do século XVIII, o termo foi usado como referência à pessoa que “criava e conduzia empreendimentos”.

A atividade empreendedora se expandiu ao longo dos séculos XVI e XVII com o conhecimento experimental, tendo se intensificado no século XVIII, mediante o surgimento de oportunidades de desenvolvimento. Neste mesmo período, o termo era utilizado para se referir às ocupações específicas (Verga & Soares da Silva, 2014). “Empreender”, deriva do francês *entreprendre*: é aquele que empreende na administração e no gerenciamento (Lago et al., 2005; Pardini & Santos, 2008).

Entre os primeiros definidores do termo empreendedor, podemos destacar Richard Cantillon, que descreve os empreendedores como aqueles envolvidos em trocas de mercadorias com o objetivo de obter lucro e na tomada de decisão em meio às incertezas. Jean Baptiste Say é outra figura histórica que define o empreendedor como responsável pela coordenação de fatores de produção que resultavam em novos empreendimentos (Verga & Soares da Silva, 2014; Eslabão & Bon Vecchio, 2016; Gomes et al., 2014).

Schumpeter (1961 apud Almeida e Chaves, 2015) o definiu a partir das atitudes, modos de agir e de um comportamento ditado por uma disposição interior. Para ele os empreendedores são aqueles que tem iniciativa, força de vontade e liberdade mental, são intuitivos, não suportam rotina, dispõem de certa autoridade e são capazes de prever o futuro. O empreendedor é a pessoa que faz acontecer (Lago et al., 2005).

Em um entendimento contemporâneo, o empreendedorismo pode ser definido como o processo de criar algo novo com valor, dedicando tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos e recebendo as recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal (Sebrae, 2007 apud Ching & Kitahara, 2015).

O empreendedorismo compreende fazer algo novo, diferente, mudar a situação atual transformando ideias em oportunidades de negócio, focando na inovação e na criação de valor, obtendo negócios de sucesso (Gomes et al., 2014).

Para Muylder, Dias & Oliveira (2013), empreendedorismo significa por em prática, submeter à experiência, realizar as atividades de organizar, controlar e assumir os riscos do negócio. Acredita-se que para ser empreendedor algumas capacidades específicas são necessárias tais como persistência, comprometimento, estabelecimento de objetivos, busca de informações, iniciativa, autoconfiança e criatividade.

O empreendedor irá transformar o contexto em que está inserido, gerando riquezas para o país, criando oportunidades de emprego e influenciando a realidade de negócios. Segundo Lima et al. (2015, p. 421) estando “à frente de iniciativas de negócios, (os empreendedores) poderão oferecer mais postos de trabalho, explorar necessidades de mercado ainda não atendidas e gerar inovações.” McClelland (1971b apud Muylder, Dias & Oliveira, 2013) aponta que o desenvolvimento socioeconômico em alguns países pode ser atribuído aos valores humanos que tornam possível identificar oportunidades e a tomada de riscos calculados.

“A formação de empreendedores, especialmente de negócios de base tecnológica é fundamental para o desenvolvimento sustentável em uma economia altamente competitiva e globalizada que temos hoje. Dentro deste contexto, as Universidades têm papel fundamental como formadora de profissionais e formadora de opinião (Lago et al., 2005, p. S19).”

Dizem Rocha & Freitas (2014, p. 467) que “os empregos e a geração de renda criados a partir da abertura de novas empresas tornam o empreendedorismo um destacado fenômeno socioeconômico”. Nesse sentido, irão despertar o interesse de governos e sociedades por se constituírem em alternativas de combate ao desemprego e possibilidade para a geração de crescimento econômico.

As micro, pequenas e médias empresas são responsáveis pela geração de grande parte dos empregos formais e informais, de uma parte importante das exportações e do PIB de um país, se constituindo o empreendedorismo um fator determinante para a criação dessas empresas e para impulsionar o crescimento econômico sustentável em países emergentes, como é o caso do Brasil (Lago et al., 2005).

Quanto aos motivos para empreender, pode-se dizer que há duas principais motivações: a realização de um sonho ou a necessidade de empreender por falta de oportunidade no mercado de trabalho (Eslabão & BonVecchio, 2016). Observa-se que em ambos os casos, devido à inexperiência e pouco conhecimento, o novo empreendimento pode ser colocado em risco. De cada dez empresas, seis não sobrevivem após cinco anos de atividade. Após cinco anos, sobreviveram: 70% das empresas com 10 ou mais empregados; 61,8% das empresas que tinham entre 1 e 9 funcionários; 32,9% das empresas sem empregados, segundo os dados fornecidos pela pesquisa Demografia das Empresas 2014, divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016).

Tendo apresentado as conceituações do empreendedorismo e do empreendedor, além de dados do empreendedorismo, analisaremos a seguir o panorama do ensino de empreendedorismo no Brasil.

## **2.2 ENSINO EMPREENDEDOR**

Historicamente, relatam Pereira et al. (2016), duas grandes revoluções ocorreram quanto ao papel das Universidades desde a sua criação, no século XI, na Europa, estendendo a sua missão para além da transmissão de conhecimentos dos professores aos alunos. A primeira revolução ocorreu no final do século XVII, nos Estados Unidos, caracterizando a pesquisa como missão da Universidade. E a segunda revolução teve início na segunda metade do século XX, por meio das experiências de Universidades como *MIT*<sup>2</sup>, *Stanford* e *Harvard*, tendo surgido um novo conceito de Universidade empreendedora que incluía o desenvolvimento econômico e social, além do ensino e da pesquisa.

O ensino do tema emergiu nos Estados Unidos, em 1947, através do primeiro curso lecionado sobre o tema na Escola de Administração de Harvard, cujo objetivo era qualificar ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial para o mercado de trabalho, no tocante à geração do autoemprego (Katz, 2003; Vesper, & Gartner, 1997).

A Universidade no Brasil tem como principais objetivos as atividades de geração e transmissão do conhecimento, a realização de pesquisas de qualidade e atividades de extensão. Recentemente passou a agregar o caráter inovador e empreendedor entre seus objetivos (Pereira et al., 2016).

---

<sup>2</sup> Massachusetts Institute of Technology



Quanto ao surgimento dos cursos de graduação em Administração no Brasil, isto ocorreu em 1954, em razão da industrialização tardia que apenas após 1950 expressou um progresso exponencial (Henrique, & Cunha, 2008). Foram aumentando gradativamente nos anos seguintes, conforme ilustramos mais adiante, quadro 1. Em 2005, chega-se a 2.484 cursos de graduação em Gerenciamento e Administração (Pardini & Santos, 2008). A seguir, podem-se visualizar em números os cursos de graduação na área de gestão criados no Brasil a partir da década de 1950:

***Quadro 1: número de cursos de graduação***

<b>ANO DE CRIAÇÃO</b>	<b>NÚMERO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO</b>
<b>1954</b>	2
<b>1967</b>	31
<b>1973</b>	177
<b>1978</b>	244
<b>2005</b>	2484
<b>2008</b>	3465

Fonte: adaptado de Pardini & Santos, 2008 e Lima et al., 2015.

O ensino de administração no Brasil apresentou um crescimento exponencial a partir da década de 1950, tendo sofrido uma expansão somente na década de 1990 (Henrique & Cunha, 2008).

Quanto ao ensino do empreendedorismo, uma das primeiras iniciativas surgiu com a introdução de uma disciplina em um curso de Especialização em Administração, em São Paulo, pela Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 1981, tendo em 1984 sendo estendida a proposta para o curso de graduação em administração da FGV-SP (Pardini & Santos, 2008; Iizuka & Moraes, 2014).

Na mesma década, o empreendedorismo como disciplina também foi introduzido no curso de Administração da Universidade de São Paulo (Pardini & Santos, 2008) e no curso do departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Iizuka & Moraes, 2014).

O empreendedorismo se constituía em uma subárea no campo da Administração, mas recentemente vem sendo estudado como campo específico do conhecimento, com seus

conceitos e metodologias ainda em fase de consolidação e formação, mas sem consenso por parte dos autores (Henrique & Cunha, 2008).

Quanto ao perfil do indivíduo que se deseja formar, os setores econômicos da sociedade contemporânea necessitam de um novo tipo de trabalhador. Segundo Belloni (1999 apud Muijder, Dias & Oliveira, 2013), as escolas têm um papel fundamental na formação deste indivíduo permitindo que ele possa desenvolver múltiplas competências, trabalho em equipe, a capacidade de aprendizagem e de adaptação a novas situações.

“Delineado o cenário emergente neste século XXI no mundo e no Brasil, urge a necessidade em todos os níveis de pessoas que detenham habilidades empresariais e habilidades para lidar com os desafios atuais da vida e um futuro incerto (...) seja na escolha da carreira ou outras situações pessoais, indivíduos podem se beneficiar do inovador aprendizado de empreendedorismo (Henrique & Cunha, 2008, p. 123)”.

Carvalho (1999 apud Muijder, Dias & Oliveira, 2013) entende que o sistema educacional precisou introduzir adequações preparando os indivíduos para não apenas obterem conhecimento, mas para saberem como transformá-lo em ações, permitindo que intervenham no processo propondo soluções. A escola empreendedora deve fornecer o treinamento adequado para o desempenho da atividade empreendedora, desenvolvendo as habilidades necessárias para o alcance dos seus objetivos.

Pardini & Santos (2008) identificam um esgotamento do modelo de formação que prepara o emprego e não considera a importância das pequenas empresas na economia nacional, sendo este último um fator para a expansão do ensino empreendedor. Defendem os autores que, neste cenário, o mais indicado seria contar com “novos métodos de ensino, novos papéis para o professor e opções de interação com os alunos que possibilitem o aprimoramento do aprendizado (Pardini & Santos, 2008, p.160). As práticas pedagógicas recomendadas variam desde conferências, aulas expositivas, discussões de grupo e em sala de aula, plano de negócios, dinâmicas de grupo, até o foco em teoria. Tal esforço se faz necessário, especialmente pelo incremento do número de novos cursos de graduação (Henrique & Cunha, 2008).

Iizuka & Moraes (2008) concordam que os requisitos para o ensino do empreendedorismo são distintos dos tradicionalmente utilizados pelas instituições de ensino, devendo a teoria ser aplicada à realidade dos alunos, bem como devem ser usados estudos de casos e jogos.

Segundo Pardini e Santos (2008, p. 159), o grande desafio para a formação do empreendedor nos cursos de graduação consiste em “buscar referenciais para apreender as competências, detectar os melhores conteúdos programáticos, captar a dinâmica educacional

mais adequada e explorar mecanismos que coloquem em ação a atividade pedagógica desejada”.

Iizuka & Moraes (2014) apontam também como desafios no processo de ensino e aprendizagem do empreendedor a capacitação, o foco do curso, e a ausência de definição institucional sobre o perfil do administrador a ser formado.

Na visão de Malacarne, Brustein & Brito (2014), o que se observa no atual sistema educacional, ao invés do estímulo ao lado empreendedor dos alunos, é o investimento na formação de profissionais que tenham o objetivo de buscar uma colocação em uma empresa ou profissão como especialista. “As pessoas costumam ser educadas para serem empregadas, e estimular o empreendedorismo neste contexto é enfrentar resistências e conflitos neste processo de mudanças, o que gera impactos para a instituição, para os docentes e para os discentes” (Malacarne, Brustein & Brito, 2014, p. 29).

Rocha & Freitas (2014) afirmam que os objetivos de ensino-aprendizagem devem fazer com que o estudante seja capaz de: compreender o que é o empreendedorismo, ser criativo, ser inovador, descobrir oportunidades, planejar e abrir um novo negócio, fazer previsões, assumir riscos, lidar com conflitos, aprender com a tomada de decisão, formar uma rede de contatos, entre outros aspectos.

Além de voltada para a ação, Schaefer & Minello (2016) entendem que o ensino empreendedor deve se fazer de forma interativa e integrada com o ambiente em que o aluno está inserido, enfatizando a ligação entre o processo de ensino e aprendizagem com o mundo real. Esta é, de acordo com Salussi e Andreassi (2016), a perspectiva do empreendedorismo como método, em que as oportunidades são resultado das ações e interações dos indivíduos com o ambiente.

Gomes et al. (2014) afirmam que há a necessidade de novas formas de ensino e aprendizagem para que os jovens, ao se formarem em um curso de nível médio, técnico ou superior, possam vislumbrar alternativas que não apenas serem empregados sem muita importância e autonomia em uma instituição pública ou privada, mas a de adotar atitudes inovadoras e porque não de riscos, podendo constituir seu próprio negócio.

Henrique & Cunha (2008) também afirmam que o ensino de empreendedorismo em conjunto com práticas didático-pedagógicas adequadas possibilitaria a formação de mais do que gestores de grandes corporações, mas de pessoas providas de conhecimentos para abrirem um negócio, como proprietários de empresas com produtos e serviços inovadores (Iizuka & Moraes, 2014), ou ainda contribuir para a busca de inovações nas empresas em que

trabalham, atuando como agentes de mudanças nos processos de gestão, os chamados intra-empREENDEDORES (Iizuka & Moraes, 2014).

As opções pedagógicas de ensino-aprendizagem devem permitir ao estudante desenvolver as habilidades e técnicas empreendedoras por meio de experiências práticas durante sua aprendizagem. Gasse et al. (2006, apud Lima et al. 2015) elencam alguns requisitos como importantes para o ensino em empreendedorismo: oportunidades para a realização de atividades práticas e participativas; ambiente favorável à inovação dentro das instituições de ensino superior; apoio às atividades empreendedoras.

Sugere-se ainda que o empreendedorismo não seja ministrado como uma disciplina isolada, mas que deve apresentar um caráter transversal no processo de formação do aluno empreendedor (Mendes, 2011; Tschá & Cruz Neto, 2014; Guerra & Grazziotin, 2010; apud Schaefer & Minello, 2016).

Chagas (2001) identificou diferenças entre os estudantes que tem uma educação empreendedora e os que não tiveram: os primeiros tiveram oportunidade de identificar suas características pessoais que seriam refletidas em suas empresas, como usar as ferramentas que iriam ajuda-lo a reduzir os riscos e nas análises para a tomada de decisão. Lima et al. (2015) identifica que os universitários, uma vez que se percebiam como mais preparados para empreender e estando inseridos em um meio que valoriza e dá apoio à atividade de empreender, tendem a avaliar suas iniciativas como factíveis e desejáveis. O ensino empreendedor funciona então como preparação e estímulo às atividades voltadas para o empreendedorismo.

O empreendedorismo já faz parte de muitos cursos de graduação em Administração, sendo ofertados também cursos de pós-graduação destinados à capacitação e ao aperfeiçoamento para os interessados em atuar nesse campo. Em programas de Mestrado e Doutorado também há linhas de pesquisa diretamente relacionadas com o empreendedorismo (Gil & Silva, 2015).

A educação empreendedora tem se direcionado para o ensino do empreendedorismo a estudantes do ensino superior, com destaque para o curso de Administração, dada a correlação deste com a inovação, oportunidade, gestão e desenvolvimento econômico (Acs, 2006; Degen 2009 apud Rocha & Freitas, 2014) usando as mais variadas ferramentas para a disseminação deste conhecimento tais como estudos de caso, planos de negócios, jogos sobre empreendedorismo.

Alguns autores compreendem que o empreendedorismo deve ser ensinado a outras áreas do conhecimento, não se restringindo à Administração e nos demais níveis educacionais, que

não somente o ensino superior, criando uma cultura empreendedora (Almeida & Chaves, 2015; Albuquerque, Ferreira & Brites, 2016).

De acordo com Rocha & Freitas (2014) duas diferentes áreas têm se apresentado no que tange ao ensino do empreendedorismo: enquanto uma área está voltada para a educação sobre o empreendedorismo, outra está voltada para a educação para o empreendedorismo. Os autores identificam na literatura recente, uma ênfase no ensino deste último, buscando formar empreendedores que ultrapassem o conhecimento teórico do tema e sejam atuantes na realidade.

Pensando numa estrutura para a educação empreendedora, a *European Commission Enterprise and Industry Directorate-General* (European Commission, 2008 apud Rocha & Freitas, 2014) propõe que o ensino superior se divida em três objetivos, quais sejam:

- (1) Desenvolver espírito empreendedor entre os estudantes;
- (2) Treinar estudantes para abrir uma empresa e administrá-la;
- (3) Desenvolver habilidades empreendedoras necessárias para identificar e explorar oportunidades de negócios.

Drost (2010, apud Lima et al., 2015) identificou por meio de pesquisa realizada com estudantes que a aprendizagem de competências básicas para empreender – identificação de oportunidades de novos negócios, avaliação das oportunidades, iniciação de um negócio e empreendedorismo organizacional – afeta a auto eficácia. Identificou ainda que o ensino empreendedor deveria incluir também a interação com empreendedores que servissem como modelo e atividades de estímulo à autoconfiança.

De acordo com Lima et al (2015), a preparação oferecida pela educação superior pode aumentar o potencial de impacto dos estudantes universitários no futuro do país em relação à maior parte da população. Considera ainda que independente de abrirem seus próprios negócios, o ensino empreendedor pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento criativo, para a geração de inovações e o crescimento do senso de autoestima e de responsabilidade.

Cabe considerar que no caso dos pequenos negócios, os recursos são limitados e o empreendedor deve estar apto a executar várias funções encontradas nas grandes organizações. Deve assumir o papel de gerentes funcionais com habilidades em estratégia, fluxo monetário, marketing, recursos humanos entre outras (Henrique & Cunha, 2012). Na tabela 2 a seguir, apresentamos os principais métodos, técnicas e recursos para o ensino empreendedor organizado por Rocha & Freitas (2014):

**Quadro 2: Principais Métodos, Técnicas e Recursos Pedagógicos no Ensino de Empreendedorismo**

<b>MÉTODOS, TÉCNICAS E RECURSOS</b>	<b>APLICAÇÕES</b>
<b>Aulas expositivas</b>	Transferir conhecimentos sobre o Empreendedorismo, as características pessoais do empreendedor, os processos de inovação, fontes de recursos, financiamentos e aspectos legais de pequenas empresas.
<b>Visitas e contatos com empresas</b>	Estimular o <i>network</i> e incitar o estudante a sair dos limites da IES para entender o funcionamento de mercado na vida real. Desenvolver visão de mercado.
<b>Plano de negócios</b>	Desenvolver as habilidades de planejamento, estratégia, marketing, contabilidade, recursos humanos, comercialização. Desenvolver a habilidade de avaliação do novo negócio, analisando o impacto da inovação no novo produto ou serviço. Construir habilidade de avaliar e dimensionar riscos do negócio pretendido.
<b>Estudos de casos</b>	Construção da habilidade de pensamento crítico e de avaliação de cenários e negócios. Desenvolver a habilidade de interpretação e definição de contextos associados ao Empreendedorismo.
<b>Trabalhos teóricos em grupo</b>	Construção da habilidade de aprender coletivamente. Desenvolver a habilidade de pesquisar, dialogar, integrar e construir conhecimentos, buscar soluções e emitir juízos de valor na realização do documento escrito.
<b>Trabalhos práticos em grupo</b>	Construção da habilidade de atuar em equipe. Desenvolver a habilidade de planejar, dividir e executar tarefas em grupo, de passar e receber críticas construtivas. Ampliar a integração entre o saber e o fazer.
<b>Grupos de discussão</b>	Desenvolver a habilidade de testar novas ideias. Desenvolver a capacidade de avaliar mudanças e administrá-las como fonte de oportunidades.
<b>Brainstorming</b>	Construção da habilidade de concepção de ideias, prospecção de oportunidades, reconhecendo-as como oportunidades empreendedoras. Estimular o raciocínio intuitivo para criação de novas combinações de serviços ou produtos, transformando-as em inovações.

<b>Seminários e palestras com empreendedores</b>	Transferir conhecimentos das experiências vividas por empreendedores desde a percepção e criação do produto, abertura do negócio, sucessos e fracassos ocorridos na trajetória empreendedora.
<b>Criação de Empresa</b>	Transpor as informações do plano de negócios e estruturar os contextos necessários para a formalização. Compreender várias etapas da evolução da empresa. Desenvolver a habilidade de organização e planejamento operacional.
<b>Aplicação de provas dissertativas</b>	Testar os conhecimentos teóricos dos estudantes e sua habilidade de comunicação escrita.
<b>Atendimento individualizado</b>	Desenvolver a habilidade de comunicação, interpretação, iniciativa e resolubilidade. Aproximar o estudante do cotidiano real vivido nos pequenos negócios.
<b>Trabalhos teóricos individuais</b>	Construção da habilidade de geração de conhecimento individualizado, estimulando a autoaprendizagem. Induzir o processo de autoaprendizagem.
<b>Trabalhos práticos individuais</b>	Construção da habilidade da aplicação dos conhecimentos teóricos individuais, estimulando a autoaprendizagem. Estimular a capacidade laboral e de autorrealização.
<b>Criação de produto</b>	Desenvolver habilidade de criatividade, persistência, inovação e senso de avaliação.
<b>Filmes e vídeos</b>	Desenvolver a habilidade do pensamento crítico e analítico, associando o contexto assistido com o conhecimento teórico. Estimular a discussão em grupo e o debate de ideias.
<b>Jogos de empresas e simulações</b>	Desenvolver a habilidade de criar estratégias de negócios, solucionar problemas, trabalhar e tomar decisões sob pressão. Aprender pelos próprios erros. Desenvolver tolerância ao risco, pensamento analítico, comunicação intra e intergrupais.
<b>Sugestão de leituras</b>	Prover ao estudante teoria e conceitos sobre o Empreendedorismo. Aumentar a conscientização do ato empreendedor.
<b>Incubadoras</b>	Proporcionar ao estudante espaço de motivação e criação da nova empresa, desenvolvendo múltiplas competências, tais como habilidades de liderança, organizacionais, tomada de decisão e compreender as etapas do ciclo de vida das empresas. Estimular o fortalecimento da network com financiadores, fornecedores e clientes.

<b>Competição de planos de negócios</b>	Desenvolver habilidades de comunicação, persuasão e estratégia. Desenvolver capacidade de observação, percepção e aplicação de melhorias no padrão de qualidade dos planos apresentados. Estimular a abertura de empresas mediante os planos vencedores.
---	--

Fonte: Rocha & Freitas, 2014, p. 469-70.

As várias opções de métodos de ensino resultam da necessidade de que o estudante desenvolva habilidades e técnicas empreendedoras por meio de experiências práticas durante sua aprendizagem (Rocha & Freitas, 2014; Lima et al., 2015).

Em duas pesquisas realizadas pelo Conselho Federal de Administração entre egressos do curso de administração, foram apontadas necessidades de melhorias do curso superior o empreendedorismo e da gestão de pequenos negócios (Lima et al., 2015).

Para o aperfeiçoamento do ensino em empreendedorismo no Brasil, Lima et al. (2015) perceberam que se fazem necessárias as seguintes ações:

- ✓ aumentar a oferta de cursos, disciplinas e atividades de ensino empreendedor;
- ✓ treinar mais professores;
- ✓ promover contato com os empreendedores e sua realidade;
- ✓ focar na prática;
- ✓ diversificar a oferta de ensino em empreendedorismo para além do plano de negócios.

Um dado interessante é que em pesquisa realizada por Greco et al. (2009, apud Lima et al., 2015) foi identificado que entre os empreendedores que dão início à sua própria empresa, a maioria (90%) nunca cursaram disciplina ou realizaram atividade de treinamento que fosse voltada para a abertura de negócios.

Os autores observaram ainda que entre os estudantes que frequentaram as atividades de ensino empreendedor, foram os que menos apresentaram intenção empreendedora. Por outro lado, os que apresentaram intenção empreendedora, não se interessaram pelas atividades de ensino empreendedor ofertadas (Lima et al., 2015). Laviere (2010 apud Rocha & Freitas, 2014) esclarece que há uma distinção entre perfil empreendedor e intenção empreendedora, não compreendendo esta última a variável mais adequada à análise da eficiência da educação empreendedora.

Fatores ambientais e pessoais interferem na intenção de iniciar o próprio negócio. Deste modo não se pode avaliar o resultado da aprendizagem do empreendedorismo nos cursos de graduação tão somente por meio da abertura de um novo negócio (Rocha & Freitas, 2014).



Quanto aos professores, obtiveram melhores resultados os professores de perfil chamado de visionário-realizador, considerada a dimensão de seu projeto e seu trabalho voltado para estabelecer uma cultura de empreendedorismo nas instituições de ensino superior em que atuam. No outro extremo, há os professores que tem o denominado perfil executor, cujo foco está na remuneração e no cumprimento das atividades de seu cargo, não apresentando interesse específico em lecionar o ensino empreendedor (Lima et al., 2015).

Gomes et al. (2014) afirmam que um dos deveres do professor é criar um ambiente de ensino que revele e apresente exemplos práticos e concretos de realidades específicas, com personagens e casos de pessoas que possam dizer o que fez e a maneira como desenvolveu suas ações; que fale sobre os problemas e dificuldades que enfrentou.

Destacam Salussi e Andreassi (2016) que o objetivo principal do empreendedorismo se constitui, em última instância, em contribuir para a geração de emprego e renda. Compreender as técnicas de ensino utilizadas, bem como os fundamentos teóricos, permite que sejam detectadas as lacunas e as contribuições de cada metodologia utilizada.

Propõe-se que a universidade amplie o seu papel e além das atividades de ensino, da pesquisa e da extensão, promovendo o desenvolvimento econômico (Lago et al, 2005; Schaefer & Minello, 2016). A universidade deve não apenas desenvolver profissionais e especialistas para a academia e para o mercado, mas também formar empreendedores para dinamizar o contexto econômico e social (Schaefer & Minello, 2016).

Esse posicionamento leva ao desenvolvimento do que se denomina Universidade Empreendedora (Ferreira, Soria & Closs, 2012), em que as universidades realizam mudanças em suas estruturas para atender às demandas internas e externas originadas pela interação “Universidade Empresa”.

A seguir apresentamos duas pesquisas realizadas por instituições que se dedicam a compreender o estágio atual do empreendedorismo e fornecer insumos para o planejamento de ações.

### **2.3 PESQUISA SEBRAE/ENDEAVOR SOBRE EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE**

O Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – em parceria com a Endeavor<sup>3</sup> realiza um estudo que tem como objetivo fornecer insumos para que as

---

<sup>3</sup> A Endeavor é uma organização global sem fins lucrativos com a missão de multiplicar o poder de transformação do empreendedor brasileiro.

universidades e as lideranças que trabalham com o empreendedorismo no Brasil possam ajustar suas estratégias de atuação. O Sebrae é uma entidade privada sem finalidade de lucro dedicada não apenas ao apoio aos empresários estabelecidos, como também como um órgão fomentador do empreendedorismo.

Objetiva-se entender como o ensino superior estimula seus alunos a serem empreendedores, como prepara melhor os professores e agentes universitários além de identificar quais ações são hoje tomadas nesse sentido; traçando posteriormente um diagnóstico como base para um plano de intervenção.

Na pesquisa realizada pelo Sebrae/Endeavor, o empreendedorismo estava na cabeça dos jovens em 2014, em que cerca de 60% empreendiam ou pensavam em empreender. Iizuka e Moraes (2014) realizaram pesquisa com o objetivo de compreender o potencial empreendedor e o perfil empreendedor dos estudantes de Administração de uma instituição de ensino que tem investido, nos últimos anos, no ensino e aprendizagem do empreendedorismo. As conclusões obtidas são similares às da pesquisa Sebrae/Endeavor, indicando que em torno de 50% dos alunos, independente do período em que se encontram no curso, tem a intenção de abrir uma empresa em breve.

Mas poucos são os que se preparam para começar um novo negócio. Já em 2016, esse número passou para 21%. Ressalte-se que há um viés na pesquisa, pois nesta última edição houve uma evolução metodológica permitindo uma maior representatividade nacional. Ou seja, no ano de 2014 boa parte dos questionários (48,7%) foram respondidos por alunos de professores ligados ao tema, o que reforça a ideia que o ensino empreendedor pode servir como estopim de uma nova opção de carreira para os universitários.

Como afirmam Izendomi & Okafor (2010 apud Ching & Kitahara, 2015), a educação é capaz de mudar as intenções empreendedoras dos estudantes em atividades empreendedoras.

Segundo a pesquisa do Sebrae, 30% dos alunos não empreendedores afirmaram que não empreendem, pois nunca pensaram intensamente no assunto. Na pesquisa realizada por Iizuka e Moraes (2014) em torno de 25% dos alunos tem baixo potencial empreendedor e não tem a intenção de empreender.

Há uma percepção de que os desafios em empreender são maiores entre potenciais empreendedores (aqueles que pretendem empreender nos próximos 3 anos) do que entre os próprios empreendedores. Parece que alunos que ainda não empreenderam possuem percepção de desafios maior do que os empreendedores. Uma possível explicação é que, como os potenciais empreendedores não tiveram a experiência e vivência como empreendedores,

realizam um diagnóstico impreciso da prática de empreender. Outra hipótese possível é a de que eles sejam menos confiantes que os empreendedores e, por isso, ainda não abriram um negócio.

De qualquer maneira, essa percepção pode desmotivar potenciais empreendedores, e é possivelmente um dos motivos de parte deles nunca chegar a realizar sua vontade de abrir um negócio. O potencial empreendedor, assim, precisa enxergar que os desafios para empreender existem e que correr riscos é necessário e também parte do processo de ter um negócio. Essa visão, no entanto, é mais clara quando se tem experiências práticas, algo que as universidades poderiam oferecer mais.

Outro fator que chamou atenção na pesquisa é que, quando indagados, quase metade dos empreendedores universitários afirmou que se dedicava inteiramente ao seu negócio, ou seja, não tinham um trabalho ou emprego além de empreender. Isso indica que a maioria dos empreendedores, além de estudar e empreender, ainda trabalha em outro lugar. Esse dado reforça a ideia de que o negócio é muitas vezes utilizado apenas para complementar a renda, e não em gerar impacto através das suas ideias.

Para aqueles que não querem empreender, a primeira opção de carreira é trabalhar no setor público (43%) ou em uma grande empresa (27%). Mais de 30% explicam a opção por causas relacionadas à renda (insegurança financeira e falta de recursos). Essas respostas podem estar relacionadas ao período histórico que o país está encarando, um período de crise econômica e política, que tem gerado milhões de desempregos e a estabilidade no emprego, garantida pelos setores públicos, seja um dos maiores atrativos para que universitários almejem se formar e prestar concurso para se tornarem funcionários públicos a fim de seguir uma carreira sem riscos.

A ambição do empreendedor universitário tem que aumentar de proporção, apenas 10% pretendem ter mais de 25 funcionários em cinco anos. Ou seja, há vontade de crescer, mas não há sonho grande e ambição para criarem grandes empresas no futuro.

Outro sinal da baixa ambição do universitário se mostra na inovação de suas empresas. Empreendimentos universitários se concentram em setores tradicionais da economia e eles são, em sua maioria, do comércio varejista e prestação de serviços (33% e 44%, respectivamente). Essa distribuição setorial é muito similar à distribuição nacional, em que esses setores representam também cerca de 70% da distribuição nacional.

Na hora de abrir um negócio, em geral não é de interesse do aluno oferecer algo inovador para o Brasil ou para sua comunidade: cerca de 70% dos produtos ou serviços criados por

universitários empreendedores já existem no mercado nacional. Nenhum empreendedor entrevistado afirmou que seu produto ou serviço era novo no mercado global.

Há muitas oportunidades de melhoria, e a universidade tem papel fundamental nesse sentido, principalmente por ser um espaço de pesquisa, desenvolvimento de capacidades e criação. Assim sendo, ela deve proporcionar espaços de criatividade e geração de conhecimento e disseminar a cultura da inovação.

## **2.4 A PESQUISA DO PROJETO *GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM)***

Conforme explicitado anteriormente, o Projeto *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)* é o maior estudo em andamento sobre as dinâmicas empreendedoras no mundo. As pesquisas realizadas pelo *GEM* oferecem insumos e são citados em muitos dos artigos que tratam o tema do empreendedorismo no Brasil.

O objetivo principal desta equipe de pesquisadores é medir o nível de atividades empreendedoras em diferentes países, buscando analisar as condições estruturais que promovem ou dificultam essas iniciativas. Deseja-se investigar a relação entre empreendedorismo e crescimento econômico. São variáveis incluídas no modelo utilizado para análise (Almeida e Chaves, 2015, p. 520):

- ✓ as condições estruturais de cada país;
- ✓ a atitude empreendedora (a predisposição dos indivíduos ao risco e à percepção de novas oportunidades);
- ✓ a atividade empreendedora (empreendimentos iniciados)
- ✓ a aspiração empreendedora (qualidade das oportunidades de negócio em termos de inovação e internacionalização);
- ✓ crescimento econômico nacional.

A seguir apresentamos um quadro resumo das análises do caso brasileiro obtidas pelo *GEM* no período de 2000 a 2009.

**Quadro 3: Análises do GEM – período de 2000 a 2009**

<b>GEM ANO</b>	<b>ANÁLISE DO CENÁRIO</b>
<b>GEM 2000</b>	<p>O sistema de ensino, no Brasil, ainda é insuficiente em relação ao conteúdo e metodologia adotados nas questões do empreendedorismo. Os programas curriculares estão distantes da realidade do Mercado de trabalho induzindo as empresas a desenvolverem soluções próprias e não estabelecendo o diálogo necessário para o avanço do ensino e da pesquisa acadêmicos. Há um hiato na escola na formação do aluno. O estudante tem o papel de agente passivo e não de empreendedor no processo de acumulação do conhecimento.</p>
<b>GEM 2001</b>	<p>Os conteúdos dos programas de ensino e as abordagens pedagógicas adotadas pelas escolas e universidades necessitam de uma revisão profunda na formação de uma cultura empreendedora, assegurando a integração com as demais disciplinas, independente da área de conhecimento tratada. Nesse contexto, deve-se buscar uma integração mais eficiente entre as universidades, as instituições de capacitação e atualização profissional em que atua o empreendedor.</p>
<b>GEM 2002</b>	<p>Reforço e disseminação de uma cultura empreendedora, pelas escolas de primeiro e segundo graus, pelas universidades e institutos de tecnologia, além da divulgação de histórias de sucesso pelos meios de comunicação e da valorização de empreendedores bem-sucedidos para a criação de novos negócios.</p>
<b>GEM 2004</b>	<p>Enfatiza a negligência do sistema formal sobre os conteúdos relacionados ao empreendedorismo e ao desenvolvimento de habilidades e atitudes empreendedoras. A qualidade da educação, principalmente nos níveis básicos, deixa a desejar, quando se considera a complexidade da produção contemporânea. Contudo, esses especialistas reconhecem um processo de mudança nesses dez anos quando algumas instituições passaram a dar importância ao ensino do empreendedorismo e a conteúdos voltados à capacitação empresarial dos estudantes. Destacam, também, a crescente busca individual do brasileiro por capacitação, dentro ou fora do sistema de ensino formal.</p>
<b>GEM 2005</b>	<p>Reforça as afirmações anteriores, destacando apenas a iniciativa da Universidade Estadual Paulista – UNESP com a parceria do Sebrae, para introduzir a disciplina de empreendedorismo nas mais de 30 unidades do Estado de São Paulo.</p>
<b>GEM 2006</b>	<p>O empreendedor brasileiro necessita de conhecimentos dos mais básicos de dinâmica de mercado até os mais sofisticados como mecanismos internos de gestão. Os especialistas também consideram que os programas educacionais existentes no Brasil não estimulam suficientemente a promoção de um espírito mais empreendedor nas pessoas, ainda que, com a existência de cursos relacionados ao empreendedorismo, espaços para incubar novos negócios nas universidades, centros de pesquisa e empresas entre outras iniciativas.</p>
<b>GEM 2007</b>	<p>Observou-se nesse período que as escolas de administração e negócios no Brasil contribuíram para uma melhor formação do empreendedor. É o caso de muitas Instituições de Ensino Superior – IES brasileiras, em que os alunos dos cursos de Administração e suas habilitações têm o desafio de desenvolver um Plano de Negócios Inovador no ano de conclusão de curso visando a estimularem a abertura de seus próprios negócios. Outra ação de fomento ao empreendedorismo nas escolas são as atividades de forma lúdica compartilhadas pelas empresas locais, por meio de empresários e administradores de empresas com os jovens acadêmicos.</p>

<b>GEM 2008</b>	O estudo do empreendedorismo apresentado em forma de disciplina ou como projeto interdisciplinar, já se encontra disponível na estrutura curricular em algumas escolas do país estimulando os discentes a também criarem um Plano de Negócios e implantá-lo na própria escola, a partir de suas atividades sociais. O Sebrae é uma instituição de apoio representativa no país, que em parceria com as secretarias municipais de educação tem implantado uma série de programas e projetos com o objetivo de desenvolver nas crianças e nos jovens brasileiros, a competência empreendedora.
<b>GEM 2009</b>	Citou 9 normas de apresentar o mundo empresarial aos estudantes. Sendo as principais:- Treinar os professores nos vários níveis da educação formal para o desenvolvimento de atividades pedagógicas empreendedoras. Instituir disciplinas sobre a criação de novos negócios, em todos os níveis da educação formal. Fortalecer a criatividade como elemento essencial do empreendedorismo. Instituir parcerias entre as instituições de ensino e as empresas para promover a prática do empreendedorismo, seja por meio de estágios, programas, cursos ou palestras (nestes últimos casos, levando também a experiência dos empreendedores para dentro das instituições de ensino). O Ministério da Educação deve promover maior flexibilidade, indução e alterações dos conteúdos programáticos, não somente no que tange à disciplina de empreendedorismo, mas também a recursos que permitam explorar a capacidade criativa dos estudantes. Os alunos devem ser mais desafiados. Incentivar as escolas a detectar alunos “talentosos” em suas respectivas áreas de atuação e oferecer oportunidades diferenciadas no processo educacional.

De acordo com as análises realizadas pelo *GEM* no período de 2000-2009, observa-se que o ensino do empreendedorismo no Brasil passou por avanços, de um caráter incipiente para a promoção de atividades em que os alunos pudessem desenvolver e implementar planos de negócios. As instituições puderam ainda contar com o auxílio do SEBRAE de modo a fomentar nos alunos o interesse pelo empreendedorismo; além de planejar outras iniciativas: expansão da inserção do tema empreendedorismo em mais níveis da educação, além da formação superior e o estabelecimento de parcerias com empresas, proporcionando melhores condições de aprendizagem para os alunos.

No relatório do *GEM* Brasil de 2015, os especialistas apontam a educação e a capacitação como condição limitante do desenvolvimento do empreendedorismo devido à ênfase na formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho ou para o setor público, ao invés de focar no empreendedorismo.

Os especialistas propõem para a melhoria das condições para empreender quanto à educação e a capacitação que o empreendedorismo seja disciplina transversal, presente nos níveis educacionais do básico ao superior (Relatório *GEM*, 2015; Gomes et al., 2014) e que faça uso das tecnologias da informação. Apontam como fundamental fortalecer o que chamam de ecossistema empreendedor (incubadoras, aceleradoras, entre outros).

Segundo o relatório global do *GEM* 2016-17, as instituições educacionais não estão provendo os jovens com as habilidades requeridas para tirar vantagem das oportunidades. As

instituições devem aumentar a sua capacidade de prover educação e habilidades de trabalho que são necessárias para desenvolver maior produtividade e indústrias com uso intensivo de tecnologia. É necessário melhorar a qualidade das habilidades pertinentes às modernas economias de modo a poder explorar as oportunidades geradas pelos avanços da tecnologia e da economia digital.

## 2.5 Disciplinas de Empreendedorismo no Curso de Administração de empresas nas IES

A Folha de São Paulo, jornal de maior circulação no Brasil, publicou no ano de 2018, o Ranking das Universidades no Brasil, a seguir as 10 (dez) melhores universidades na categoria Graduação em Administração, de acordo com a grade curricular analisamos as matérias que são diretamente ligadas ao tema Empreendedorismo:

**Quadro 4: Ranking do Curso de Administração**

Posição no país	Nome da Instituição	UF	Pública ou Privada	Avaliação do mercado	Quantidade de disciplinas sobre Empreendedorismo
1º	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	Pública	6º	1
2º	Universidade de São Paulo (USP)	SP	Pública	1º	3
3º	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	RS	Pública	10º	1
4º	Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-EAESP)	SP	Privada	2º	1
5º	Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (FGV-EBAPE)	RJ	Privada	17º	0
6º	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	Pública	6º	0

<b>7º</b>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)	SP	Privada	6º	0
<b>8º</b>	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	PR	Pública	10º	1
<b>9º</b>	Universidade de Brasília (UNB)	DF	Pública	17º	0
<b>10º</b>	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA	Pública	17º	1

Fonte: Folha de São Paulo - Rankings de Cursos – Graduação em Administração - <https://ruf.folha.uol.com.br/2018/ranking-de-cursos/administração-de-empresas/>



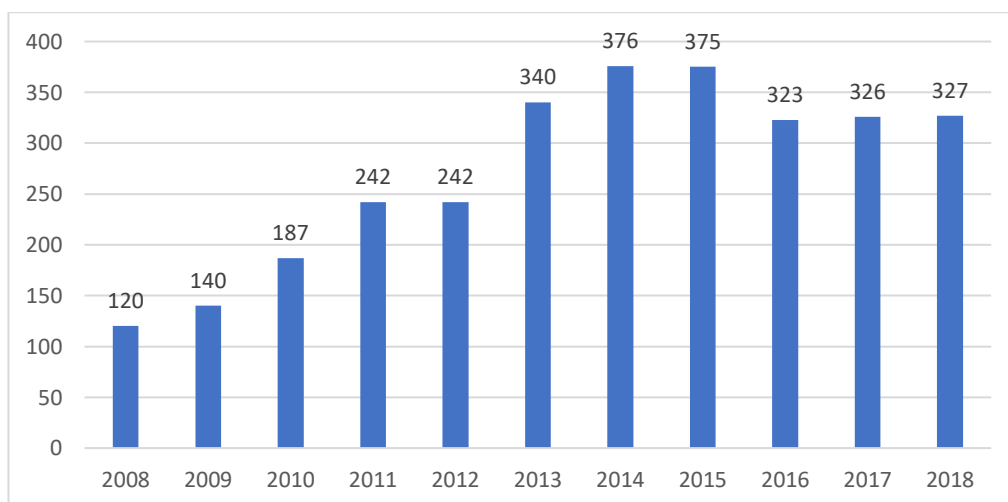
### 3. METODOLOGIA

A abordagem metodológica dessa pesquisa é caracterizada como revisão documental e bibliográfica, qualitativa e exploratória (Gil, 2008)

As fontes utilizadas nesta pesquisa foram as buscas nos recursos tecnológicos, as bases de periódicos da CAPES – Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e SciELO – Scientific Electronic Library Online. Os periódicos consultados possuem seus artigos disponíveis para consulta on-line, através dos site: <http://www.periodicos.capes.gov.br/> e <https://www.scielo.org/>.

Para a pesquisa foram utilizadas as palavras-chave: “empreendedorismo” e “ensino” em português. A baixo, a distribuição dos artigos encontrados nos últimos 10 (dez) anos:

***Gráfico 1 - Artigos sobre Empreendedorismo publicados nos últimos 10 anos***



Fonte: Base de dados *sciELO e Capes*

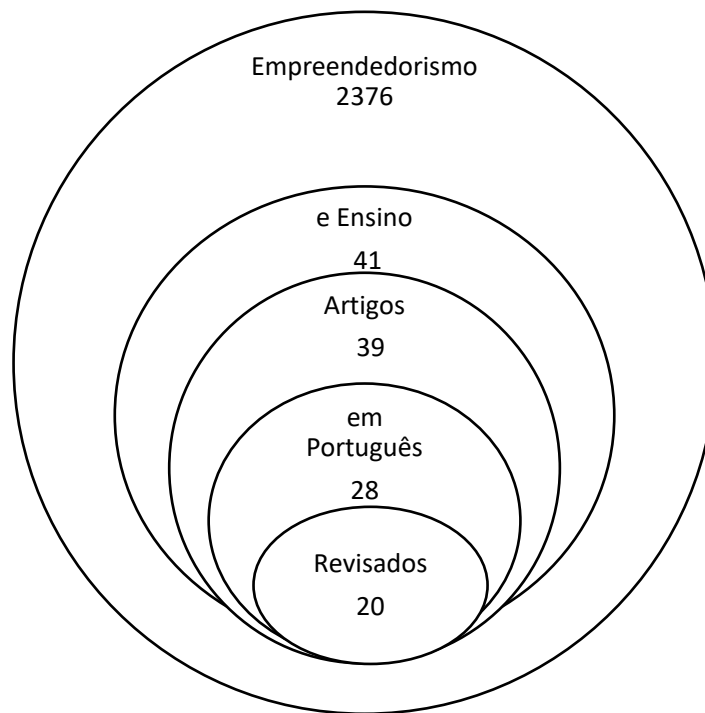
O tema empreendedorismo tem recebido maior visibilidade nos últimos anos, podemos notar que de 2008 para 2012 o número de artigos publicados duplicou e que foi crescente o número de publicações até 2015.

Inicialmente a pesquisa foi realizada com a palavra chave empreendedorismo na base CAPES (últimos 10 anos) com 2.376 resultados encontrados. A fim de obter uma maior aproximação com o tema foram utilizando os seguintes filtros:

- contendo simultaneamente as palavras chaves “ensino” e “empreendedorismo” no campo assunto: 41 resultados

- apenas artigos publicados em periódicos, para ter maior confiança das informações: 39 resultados
- somente as publicações em português, buscou-se avaliar IES no Brasil: 28 resultados
- revisados por pares, para ter maior qualidade nos artigos estudados: 20 resultados.

**Gráfico 2 -Delimitação das publicações a serem analisadas – base Capes**



A seguir é apresentado um quadro com os títulos dos artigos, o nome dos autores e o ano de publicação da lista final obtida na base CAPES.

**Quadro 5: Resultados da busca por artigos - palavras-chave empreendedor e ensino – base Capes**

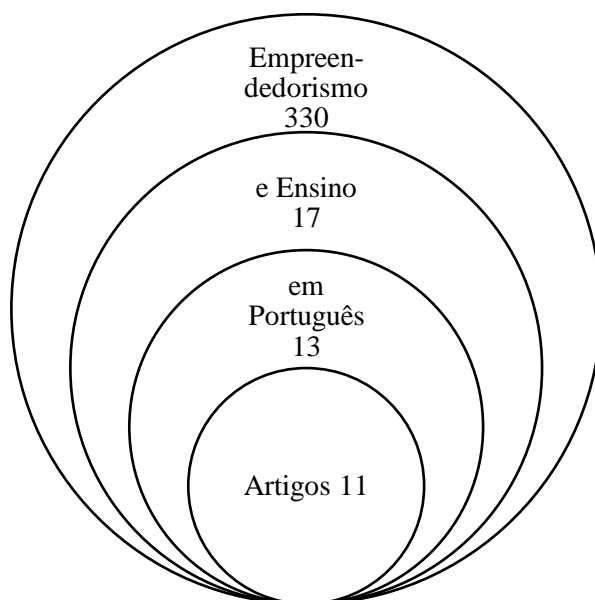
<b>TÍTULO DO ARTIGO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>
Ensino do empreendedorismo sob a ótica de alunos e professores do curso de administração de uma instituição de ensino superior (IES) privada em Minas Gerais	Solange Carvalho Moreira Rodrigues ; Marlene Catarina Oliveira Lopes Melo ; Ana Lucia Magri Lopes 2014	2014

A Importância da Criatividade no Desenvolvimento do Indivíduo	Débora Martins ; João Pedro Gonçalves ; Petra Rodrigues ; Ricardo Vieira ; Vanessa Marques	2012
Comparação do ensino e da prática de empreendedorismo em instituições de ensino superior públicas e privadas de Boa Vista	Perim, Mary Lucia Silva	2012
Empreendedorismo como escopo de diretrizes políticas da União Europeia no âmbito do ensino superior	Almeida, Rachel de Castro ; Chaves, Miguel	2015
Revenda de Automóveis: Uma Atividade de Uso Intensivo de Capital	Fernandes, Aleixo ; Lima, Edmilson	2017
Ensino de Empreendedorismo: Utilização do Business Model Generation	Ensino de Empreendedorismo: Utilização do Business Model Generation de Castro Krakauer, Patricia Viveiros ; Porto, Maria Cecilia Galante ; de Moura E Oliveira, Claudio Soares ; de Almeida, Martinho Isnard Ribeiro	2015
Teoria da Aprendizagem Experiencial no Ensino de Empreendedorismo: Um Estudo Exploratório	Krakauer, Patricia Viveiros De Castro ; Santos, Silvio Aparecido Dos ; Almeida, Martinho I. Ribeiro De	2017
O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora	Silva, Júlio Fernando Da ; Patrus, Roberto	2017
O Ensino de Empreendedorismo com Fundamento na Teoria Effectuation	Salusse, Marcus Alexandre Yshikawa ; Andreassi, Tales	2016
Estratégia de crescimento no mercado brasileiro de cursos pré-vestibular: caso Sistema Elite de Ensino	Evangelista, Oscar Camilo Silva ; Santos, Cristiane Pizzutti Dos	2011
Vamos Expandir um Negócio Inovador?	Mauro Sergio Vanin ; Vanessa Faedo Serafin ; Julio Cesar Ferro Guimarães ; Eliana Andréa Severo	2019
E se a Vida te Desse Limões, o que Você Faria?	Arantes, Fernanda Paula ; Pagotto, Daniel Do Prado ; Freitag, Maria Salete Batista	2018

A criação e gestão de miniempresas na sala de aula: opiniões dos alunos e professores participantes do Programa Empreender na Escola	Imaginário, Susana ; Cristo, Eurídice ; Neves de Jesus, Saul ; Morais, Fátima	2017
Pais empreendedores e trajetória acadêmica dos filhos universitários: uma abordagem comparativa Portugal-Brasil	Jesus, Antonela Filipa ; Santos, Cláudia – Priscila	2018
A resposta das politécnicas finlandesas aos desafios das políticas de inovação e de desenvolvimento regional	Lyytinen, Anu ; Hölttä, Seppo	2011
Empreender em psicologia (e outros campos profissionais)	Freire Vasconcelos, Eveli ; Amorim De Araujo, Krisley ; Avancini Casali, Maria Eduarda	2019
O crowdfunding como financiamento do jornalismo de investigação em Portugal	Fonseca, Ana Maria ; Diz, Henrique Morais ; Dos-Santos, Maria José Palma Lampreia	2016
Ensino médio: empresários dão as cartas na escola pública	Krawczyk, Nora	2014
Perfil empreendedor e desempenho organizacional	Schmidt, Serje ; Bohnenberger, Maria Cristina	2009
Educação empreendedora pela experiência: O caso do festival de artes empreendedoras em itabaiana	Freire De Araujo, Gracyanne ; Paes Barreto Davel, Eduardo Davel	2019

Na base SciELO foram encontrados 330 artigos para a busca utilizando a palavra-chave “empreendedorismo” e 17 artigos quando pesquisado junto a palavra-chave “ensino” no período que compreende os últimos dez anos (2009 a 2019). O filtro da língua portuguesa revelou 13 resultados e o filtro para somente artigos 11.

**Gráfico 3 –Delimitação das publicações a serem analisadas – base SciElo**



**Quadro 6: Resultados da busca por artigos - palavras-chave empreendedor e ensino – base SciELO**

<b>TÍTULO DO ARTIGO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ANO</b>
Plano de Negócios Circular: instrumento de ensino de empreendedorismo e desenvolvimento do perfil empreendedor	Ferreira, Flavio Mangili; Pinheiro, Camila Roberta Muniz Serra	2018
O Sujeito Lúdico Produzido pela/na Educação Matemática: Interloquções com o neoliberalismo	Sartori, Alice Stephanie Tapia; Duarte, Claudia Glavam.	2017
O crowdfunding como financiamento do jornalismo de investigação em Portugal	Fonseca, Ana Maria; Diz, Henrique Morais; Dos-Santos, Maria José Palma Lampreia.	2016
Empreendedorismo como escopo de diretrizes políticas da União Europeia no âmbito do ensino superior	Almeida, Rachel de Castro; Chaves, Miguel.	2015
Desenvolvimento tecnológico a partir das ciências: luzes e sombras	Eduardo, Cortón.	2015
Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor	Rocha, Estevão Lima de Carvalho; Freitas, Ana Augusta Ferreira.	2014
O evolucionismo econômico na pós-graduação brasileira: uma análise a partir da ótica da educação	Dias, Evandro Dotto; Rorato, Rodrigo.	2014

O empreendedorismo e o ambiente jurídico e institucional	Cruz, José Neves; Cardoso, Carla Sofia.	2012
Intenções empreendedoras dos estudantes do ensino secundário: o caso do programa de empreendedorismo na escola	Intenções empreendedoras dos estudantes do ensino secundário: o caso do programa de empreendedorismo na escola	2012
A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social: um caso no ensino superior	Costa, Maria Teresa Gomes da; Carvalho, Luisa Cagica.	2011
Perfil empreendedor e desempenho organizacional	Schmidt, Serje; Bohnenberger, Maria Cristina.	2009

É possível notar na relação de títulos, que embora tenham-se aplicado filtros na pesquisa, foram encontrados artigos que tratam do empreendedorismo social, ensino artístico, artigos de gestão financeira, artigos com aplicações em Portugal, políticas europeias, educação matemática, progresso da educação na pós-graduação e estudos de casos de aplicação de empreendedorismo que fogem ao tema aqui tratado. Ressalte-se que foram encontrados 3 (três) artigos comuns às duas bases, eliminando-se assim os equivalentes. Entre os artigos localizados, conforme explicitado, procedeu-se à leitura dos títulos e dos resumos.

Além dos artigos, utilizou-se relatórios estatísticos do IBGE, relatórios de pesquisa do GEM e relatórios de pesquisas realizadas pelo SEBRAE/Endeavor, de modo a trazer informações do contexto brasileiro que pudessem enriquecer a presente monografia.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Uma vez identificados os artigos que apresentavam relação com o tema da pesquisa, foi efetuada a leitura pormenorizada do artigo para o desenvolvimento da presente monografia. A seguir, o quadro com os pontos relevantes para esse estudo identificados na leitura dos artigos.

##### Quadro 7: Análise das leituras dos artigos estudados

<b>TÍTULO DO ARTIGO</b>
<b>PONTOS RELEVANTES</b>
<b>Ensino do empreendedorismo sob a ótica de alunos e professores do curso de administração de uma instituição de ensino superior (IES) privada em Minas Gerais</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>· A partir dos anos 2000 a implantação das disciplinas Comportamento Empreendedor e Gerencial e Criação de Empresas e Negócios, além de Desenvolvimento Empresarial-I ao IV na IES do Vale do Aço-MG.</li><li>· Relatos dos entrevistados, que as práticas oferecidas aos alunos durante o curso, notadamente quanto à aplicação prática dos conceitos teóricos estudados, parecem propiciar condições ao processo empreendedor, confirmando assim, a corrente teórica que apoia a possibilidade do ensino do empreendedorismo.</li><li>· Quanto à disposição e intenção para empreender há indícios de que, para o aprendizado ser efetivo, há que se exercitar mais as práticas empreendedoras no ambiente educacional.</li><li>· Tem-se como dificuldades o fato de ter que vivenciar a prática, lidar com a falta do capital necessário, conviver com os impostos, a burocracia e a falta de maturidade, além de ter que enfrentar o desafio imposto pela cultura regional.</li><li>· Verificou-se, também, que o ensino do empreendedorismo é dependente de uma estrutura de apoio por meio da qual os alunos possam desenvolver atividades práticas empreendedoras como é o caso da Empresa-ação, dinâmicas e jogos de empresas corroborando a posição de autores como Dolabela (1999); Schmidt, Domingues e Hoeltgebaum (2005); Souza e Guimarães (2006); Martens e Freitas (2008).</li></ul>
<b>Comparação do ensino e da prática de empreendedorismo em instituições de ensino superior públicas e privadas de Boa Vista</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>· Instituições de Ensino Superior de Boa Vista.</li><li>· Observou-se que a percepção dos alunos das instituições privadas sobre o que a instituição oferta quanto à formação empreendedora é bem maior que a dos alunos das instituições pública.</li><li>· Examinou-se que as instituições privadas dão maior incentivo as práticas empreendedoras, e que mais da metade dos alunos das instituições públicas perceberam a necessidade de terem aulas práticas de empreendedorismo, visto que o ensino está mais focado em teorias, porém, analisados os enfoques das disciplinas que tratam do empreendedorismo, verificou-se que se assemelham, pois evidenciam a importância da ação empreendedora como propulsora da economia.</li><li>· Concluiu-se que os alunos das instituições privadas assimilam a necessidade da formação empreendedora bem mais que os alunos das públicas, que as instituições privadas procuram dar maior incentivo às práticas de empreendedorismo.</li></ul>

- Avaliando-se que a disciplina de empreendedorismo é um componente instigador do comportamento empreendedor, deve-se buscar expandir e fortalecer tal comportamento nos alunos através da prática.

### **Empreendedorismo como escopo de diretrizes políticas da União Europeia no âmbito do ensino superior**

- As orientações da União Europeia (UE) preconizam que a formação empreendedora não fique adstrita ao ensino superior, mas que percorra todos os níveis de escolaridade, desde o ensino básico até a universidade, e que estabeleça fortes conexões com as políticas promotoras da aprendizagem ao longo da vida (COM, 2006).
- Os apelos ao empreendedorismo juvenil qualificado se estendem por toda a Europa, mas ganham particular relevo nos países do sul do continente, onde a crise europeia ecoa de forma mais aguda.
- Em Portugal, por exemplo, o empreendedorismo é apresentado por múltiplos agentes, dentre os quais se inclui o governo, como um desígnio absolutamente nuclear na recuperação da economia e na superação da crise.
- Embora essas iniciativas não estejam presentes de forma acentuada e estruturada em termos de orientação política na realidade brasileira contemporânea, a formação empreendedora, se ainda não é, tende a ser um desafio transversal a atingir indiscriminadamente diversos países nos mais distintos cenários econômicos.
- Os textos programáticos da Comissão Europeia e os relatórios de avaliação gerados por essa mesma entidade supostamente independente, mandatada para a defesa dos interesses da UE (no seu conjunto) que se forjam e irradiam as orientações pró-empendedoras para o interior das instituições de ensino superior, orientações essas que, voltamos a sublinhar, têm contaminado todo o sistema de ensino, nos seus diversos patamares.
- No essencial, circula-se que a educação empreendedora, até o momento bastante circunscrita aos cursos de administração e economia, deverá expandir-se para além desses domínios científicos, passando a integrar a matriz curricular de todos os cursos.
- Em simultâneo, sustenta-se que as instituições de ensino devem: estabelecer incubadoras de empresas e, sempre que possível, parques científicos; promover concursos destinados a premiar planos de negócios; disseminar a utilização de estudos de caso e outros métodos de ensino interativos; incentivar a transferência da inovação e do conhecimento gerado no ensino superior (spin-offs e start-ups), com destaque para as novas tecnologias.
- Recomenda-se que os próprios cursos de administração procurem, de forma mais enfática, desenvolver uma pedagogia diretamente orientada para a criação de empresas, quer dizer, um ensino tanto focalizado na gestão da fase de crescimento das pequenas e médias empresas quanto centrado no fomento e promoção da inovação permanente (COM, 2006).
- As competências pessoais consubstanciam-se em autoconfiança, motivação, desenvolvimento de pensamento crítico e autonomia; as sociais, em capacidade de cooperar, de criar redes, de trabalhar de forma reticular e de assumir novos papéis; as competências associadas à gestão, na resolução de problemas, no planejamento, na tomada de decisões, na comunicação e na predisposição para a assunção de responsabilidades.
- No que concerne às competências empresariais, os estudantes deverão desenvolver iniciativa, criatividade, atitudes proativas e a disposição para enfrentar o risco e implementar novas ideias (COM, 2004b).



### **Ensino de Empreendedorismo: Utilização do Business Model Generation**

- Aplicação do Business Model Generation (BGM) na disciplina de empreendedorismo na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.
- Foi especialmente interessante a aplicação do BMG em uma aula de empreendedorismo, onde muitos discentes possuem o foco na abertura de um negócio futuro. Considerando a alta taxa de mortalidade de pequenas empresas existentes no Brasil, o modelo de negócios pode ser uma boa alternativa para os novos empreendedores.
- Sem dúvida, a aplicação do BMG revelou-se uma ferramenta pertinente e aplicável ao curso de empreendedorismo, com o objetivo de não apenas se estruturar um novo negócio, mas também como forma de se repensar um negócio já existente, incentivando o comportamento empreendedor dos discentes.

### **Teoria da Aprendizagem Experiencial no Ensino de Empreendedorismo: Um Estudo Exploratório**

- O ensino de empreendedorismo pode ocorrer tanto na infância quanto na idade adulta. Na infância, vale destacar tanto os esforços de Dolabela (2004) em compreender a pedagogia empreendedora, que tem como pressuposto o entendimento do ser humano como gerador de novos conhecimentos, quanto o programa Jovens Empreendedores do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), voltado ao desenvolvimento de uma cultura empreendedora (Ricca, 2004; Hartt, 2008). Para adultos, foco da presente pesquisa, o ensino de empreendedorismo em vários países tem se destacado na graduação, especialmente no curso de administração, e ampliado seu raio de atuação nos cursos de MBAs e especializações (Honig, 2004; Katz, 2003).
- O artigo é fundamentado na teoria da aprendizagem experiencial proposta por Kolb (1984), tendo como objetivo discutir as proposições e as características da teoria experiencial no contexto do ensino de empreendedorismo na graduação pela ótica de docentes, buscando respostas para como esses docentes percebem as premissas da aprendizagem experiencial no contexto em questão.
- Muitos desafios ainda existentes na educação empreendedora, como metodologias, práticas, treinamento de docentes e particularidades da temática, advém do fato de o tema ser multidisciplinar e complexo, influenciado pelos valores tanto da cultura do país quanto da aptidão de docentes e discentes (Lima et al., 2015). Isso faz com que a aprendizagem do empreendedorismo precise ser repensada (Hannon, 2006; Honig, 2004; Jones & English, 2004; Era & Carswell, 2000).
- Apesar de que a maioria dos entrevistados não conhecerem a teoria de aprendizagem experiencial, os relatos mostram que a aprendizagem experiencial poderia ser uma possibilidade para o ensino de empreendedorismo.

### **O “Bê-Á-Bá” do Ensino em Empreendedorismo: Uma Revisão da Literatura Sobre os Métodos e Práticas da Educação Empreendedora**

- De modo sucinto, Dornelas (2015) evidencia que entre outros fatores, a educação empreendedora deve proporcionar aos estudantes o entendimento sobre o processo empreendedor, as habilidades empreendedoras necessárias, a constatação e análise de oportunidades e a identificação de fontes e obtenção de financiamento para o negócio.

· Zhang (2014) acredita que a educação empreendedora é considerada um processo e deve ser estabelecida através dos seguintes aspectos: a) Melhoria da cognição dos alunos sobre empreendedorismo: cultivo da capacidade de análise racional de acordo com as características dos alunos, bem como estímulo à criação de ideias e escolha do empreendedorismo como uma possibilidade de carreira; b) Ajuste da filosofia educacional dos professores: oferta de treinamentos a fim de melhorarem suas qualificações e habilidades, e também incentivá-los a mudança do modo de ensino tradicional puramente didático para um modo de ensino interativo; c) Realização de várias formas de treinamentos de empreendedorismo: os currículos dos cursos devem proporcionar aos estudantes, além dos conhecimentos teóricos, o desenvolvimento de habilidades empreendedoras por meio de várias formas de treinamentos, em que se priorizem as atividades práticas; d) Aprendizagem em equipe: a realização de atividades em equipe favorece a divisão do trabalho, discussão de ideias, tomada de decisões, desenvolvimento de habilidades interpessoais e proporciona aos estudantes o acúmulo de conhecimentos a curto prazo com um efeito melhor; e) Atenção reforçada aos estudantes:

as universidades devem fornecer boas infraestruturas para a realização das atividades práticas, principalmente orientação de carreira que impulse o pensamento empreendedor dos estudantes.

· Quanto às habilidades requeridas no decorrer do processo de aprendizagem, os alunos devem desenvolver: a) habilidades técnicas (possuir know-how técnico), saberem escrever, ouvir, liderar e trabalhar em equipe; b) habilidades gerenciais (áreas envolvidas na criação, desenvolvimento e gestão da nova empresa), tais como marketing, finanças, produção, entre outras; e c) características pessoais, como disciplina, inovação, orientação a mudanças, persistência e propensão a assumir riscos (Dornelas, 2015).

· Ao revisar sistemática na literatura nacional dos últimos anos acerca do tema educação empreendedora, especificamente em cursos de graduação em instituições de ensino superior, identificaram-se os estudos:

1 -Vieira et al. (2013) apontam que as práticas pedagógicas mais utilizadas para o ensino de empreendedorismo nas 135 IES investigadas são: aulas expositivas, casos de ensino e trabalhos em grupo. Cabe ressaltar que as aulas expositivas não podem ser a única prática pedagógica, sob o risco de comprometer a distinção entre educação tradicional e educação empreendedora feita por Dolabela (2008). A maioria dos respondentes considera a disciplina específica de empreendedorismo fundamental para a formação do administrador, afirmando que as características individuais necessárias ao empreendedor podem ser ensinadas e que não há uma disciplina específica mais importante para a educação empreendedora. Tal estudo objetivou identificar de que forma ocorre o ensino de empreendedorismo como atividade integrante dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Administração no Brasil através da concepção dos coordenadores de colegiado ou de cursos.

2- Rocha e Freitas (2014) mensuraram a aprendizagem do ensino de empreendedorismo em 407 estudantes universitários participantes e não participantes do processo de educação empreendedora matriculados no curso de Administração em IES localizadas na cidade de Fortaleza, Ceará. Para tal finalidade, os autores utilizaram as métricas de avaliação do perfil empreendedor compostas pelas dimensões: Autorrealização, Planejador, Inovador, Assume Riscos, Líder e Sociável, desenvolvidas por Schmidt e Bohnenberger (2009). Os resultados evidenciaram que o perfil empreendedor de estudantes que participaram do processo de educação empreendedora apresentou alterações em relação aos dos estudantes que não participaram, sendo tais alterações nas dimensões Autorrealização, Planejador, Inovador e Assume Riscos.

3 - Vieira et al. (2014) compararam os resultados obtidos pelo levantamento mundial sobre o espírito empreendedor dos universitários Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey no contexto dos universitários brasileiros (GUESSS Brasil), com um levantamento realizado junto a 251 estudantes matriculados no curso de Administração da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná.

Os autores constataram que os estudantes da UEL apresentam fortes características empreendedoras, bem como os discentes participantes do GUESSS Brasil. Entretanto, existem barreiras para aplicação dessas características, principalmente no que se refere à falta de possibilidades, atividades de apoio ao empreendedorismo, como mentoria e coaching, e acesso ao capital financeiro.

### **O Ensino de Empreendedorismo com Fundamento na Teoria Effectuation**

· Decorre da literatura sobre a teoria effectuation que, quando aplicada ao empreendedorismo, embora não reduza a probabilidade de fracasso, diminui seu custo, pois permite ao empreendedor falhar mais rapidamente (Read, Sarasvathy, Dew, Wiltbank, & Ohlsson, 2011; Sarasvathy, 2001a, 2008).

· De acordo com Sarasvathy (2001a, 2008), empreendedores que atuam sob a perspectiva effectual (a) identificam oportunidades a partir de recursos existentes, (b) tomam decisões de investimento com base no que estão dispostos a perder, (c) aproveitam as contingências e (d) estabelecem relações estratégicas com stakeholders.

· Os princípios da teoria atuam no sentido de que as eventuais falhas aconteçam mais rapidamente por meio da experimentação e, portanto, com menor nível de investimento do empreendedor, que utiliza os recursos disponíveis na identificação de oportunidades acessíveis, desenvolvidas por meio da interação com stakeholders, enquanto deixa aberta a possibilidade de maiores investimentos no futuro caso sejam validadas as hipóteses iniciais do novo negócio. Em estudo realizado para validação do construto, Chandler et al. (2011) propõem que effectuation é formado por quatro dimensões: (a) experimentação, ou seja, a utilização de diferentes abordagens de negócio para definição do conceito; (b) perda aceitável, isto é, estabelecimento do valor investido com base no montante que o empreendedor está disposto a perder; (c) flexibilidade, ou seja, adaptação da ideia inicial às contingências, circunstâncias e conhecimento adquirido; e (d) pré-acordos, isto é, estabelecimento de acordos estratégicos com stakeholders.

· Assim, a análise das experiências em educação empreendedora com fundamento na teoria effectuation, em cinco instituições de ensino de quatro países diferentes, permite analisar como a teoria tem sido utilizada em sala de aula, o contexto em que ocorreram a estrutura dos cursos, seu design, formas de avaliação, metodologias de ensino utilizadas e percepção dos docentes sobre as experiências. Ato contínuo, o estudo categoriza as metodologias de ensino em função dos comportamentos effectuais definidos por Fisher (2012) e as dimensões do construto validadas por Chandler et al. (2011), além de identificar, ainda que preliminarmente, a influência da teoria effectuation sobre a intenção de empreender e a necessidade de se incorporar na literatura temáticas associadas aos antecedentes individuais.

· 1- o estudo analisa e compara casos de ensino em diferentes contextos e identifica que a utilização e prática do modelo dinâmico de effectuation é um elemento integrador do ensino de empreendedorismo com fundamento na teoria. O estudo faz isso por meio da comparação das características de cada um dos casos e da análise da estrutura, das formas de avaliação e principalmente do design das experiências de ensino objeto do estudo, que

buscam desenvolver a expertise no que se refere à prática e aos pressupostos que permeiam e orientam a teoria effectuation.

· 2- o estudo categoriza as metodologias de ensino em função dos comportamentos effectuais definidos por Fisher (2012) e as dimensões do construto validadas por Chandler et al. (2011). Os resultados da categorização são apresentados na Tabela 5 e permitiram identificar metodologias de ensino emergentes no campo do empreendedorismo, a exemplo do teste de hipóteses (Ries, 2011), modelagem de negócios (Osterwalder & Pigneur, 2010) e desenvolvimento de clientes (Blank & Dorf, 2012), em adição às metodologias salientadas nos estudos de Neck e Greene (2011) e Solomon, Duffy e Tarabishy (2002).

· 3 - o estudo gera insights preliminares a respeito da influência da teoria effectuation sobre a intenção de empreender e a necessidade de se incorporar na literatura temáticas associadas aos antecedentes individuais. É esperado que a cultura em que o indivíduo está inserido e sua educação formal influenciem a forma como se comporta e vê o mundo. Por outro lado, o ensino de empreendedorismo pretende gerar resultados reais para o desenvolvimento econômico e social, o que ocorre por meio da criação e desenvolvimento de novos negócios. Desta forma, compreender como e se a teoria effectuation influencia a intenção de empreender é positiva no sentido de estimular ações e comportamentos empreendedores capazes de gerar os resultados almejados.

· Por fim, a reunião de experiências em diferentes contextos permite aos educadores uma compreensão abrangente do uso da teoria effectuation e serve como referência para o desenvolvimento de cursos regulares e atividades extracurriculares que utilizem a teoria no contexto das instituições de ensino superior.

### **Empreender em psicologia (e outros campos profissionais)**

· O processo de empreender não é resultado de características de personalidade. Nesse ponto, a visão construída ao longo do livro se refere ao acesso comum do empreender para profissionais de qualquer campo, em suas áreas de conhecimento.

· Destacam o caráter complexo e multideterminado do empreendedorismo, relacionando-o a aspectos psicológicos, sociais, experiências pessoais, profissionais. Com isso, os autores consideram que qualquer sujeito pode empreender.

· O comportamento empreendedor emerge como estratégia de ampliação de carreira em um ambiente instável e incerto. Nessa direção, a obra apresenta-se como uma ferramenta pedagógica para a ação empreendedora, por ser uma competência importante, especialmente diante das incertezas que marcam o presente período histórico do país e suas demandas.

### **Ensino médio: empresários dão as cartas na escola pública**

· A proposta pedagógica busca desenvolver uma cultura empresarial nos jovens estudantes, dotando-os de maior capacidade de resistência e adaptação a situações novas. Seu esforço e o desenvolvimento dessas capacidades permitem-lhes permanecer com êxito na escola.

- Trata-se de fazer com que o jovem aprenda a projetar seu futuro e a elaborar um plano de ação para seu desenvolvimento acadêmico durante a passagem pela escola e, posteriormente, para seu desenvolvimento profissional; envolve a capacitação no exercício da autonomia, da iniciativa e do compromisso por parte do jovem; uma cultura da trabalhabilidade e de empreendedorismo que lhe permita inserir-se e atuar no “novo” mundo do trabalho e desenvolver a capacidade de autogestão.
- É um novo estágio de reestruturação do espaço público, no qual o setor empresarial busca o fortalecimento da capacidade de execução do aparelho estatal e institucional, tomando as rédeas desse processo, em nome da necessidade do controle social.
- Encontramos alterações importantes no modo como se elaboram e implementam políticas educacionais e uma nova lógica na racionalidade no âmbito político-educacional, que sugere novos modos de regulação e de dinâmicas diferentes para a configuração do ensino médio, esboçando um universo novo nesse nível de ensino no Brasil.
- Essa pseudobusca da eficiência educativa representa o abandono da preocupação com a igualdade em pelo menos duas direções: a primeira é a que estabelece uma cisão entre a inclusão na escola e o direito do cidadão ao conhecimento socialmente construído

### **Perfil empreendedor e desempenho organizacional**

- Construir e validar um modelo para verificar a relação entre o perfil empreendedor dos alunos de uma instituição de ensino superior e o desempenho das empresas administradas por eles.
- Foram extraídas características atitudinais comuns, citadas diretamente ou presentes indiretamente, na forma de pré-requisitos para sustentá-las. As características propostas para o perfil empreendedor foram conceituadas, a fim de sustentar o processo de elaboração do instrumento de medição.
- Mais especificamente, as características empreendedoras associadas ao desempenho organizacional foram: inovação, proatividade e agressividade competitiva.
- Depois de verificadas as relações entre as características do perfil empreendedor e o desempenho organizacional, dentro do âmbito da instituição de ensino investigada, pode-se propor que o perfil de auto-realização seja priorizado em termos de práticas didáticas nos diversos cursos oferecidos. Essas práticas, obviamente, não podem ser tratadas pontualmente, uma vez que mudanças atitudinais não podem ser esperadas em curtos espaços de tempo. A auto-realização deve ser abordada ao longo de toda experiência do aluno na instituição.
- A única característica empreendedora que está significativamente relacionada ao desempenho do negócio próprio é a Auto-realização.
- Este estudo também evidenciou a não existência de associação entre desempenho e perfil social, de líder e de indivíduo que assume riscos

### **Educação empreendedora pela experiência: O caso do festival de artes empreendedoras em itabaiana**

- O caso retrata a experiência de estudantes de graduação em Administração ao longo de um componente curricular na Universidade Federal de Sergipe voltado para o empreendedorismo cultural.
- A temática ensino-aprendizagem por meio da prática do empreendedorismo permitiu desenvolver diversas habilidades nos alunos, além de colocar em prática aprendizagens que fizeram os alunos de autoconhecerem.

- O artigo mostra a importância de trazer para a prática os ensinamentos de empreendedorismo.
- Este ato pode ser explorado por educadores de diversas organizações públicas ou privadas. Pode também ser utilizado no contexto de cursos de graduação e pós-graduação em Administração e de outros cursos que possuam componentes curriculares voltados para o empreendedorismo para estimular o espírito empreendedor e formador entre os estudantes.

### **Plano de Negócios Circular: instrumento de ensino de empreendedorismo e desenvolvimento do perfil empreendedor**

- A proposta do Plano de Negócios Circular é atender os principais desafios do ensino do empreendedorismo, como colocar em prática e sistematizar as ideias de negócio na área do conhecimento escolhida. A complexidade dos planos de negócios dificulta sua utilização na área empresarial, sendo que a metodologia proposta poderá contribuir de forma prática no planejamento de negócios ou inovação
- A análise das percepções dos participantes das Oficinas Construindo um Plano de Negócios, bem como das avaliações dos professores, demonstrou a possibilidade de essa metodologia ativa contribuir para o desenvolvimento do perfil empreendedor a partir de competências, diferentes conhecimentos, habilidades, atitudes e valores.
- o Plano de Negócios Circular também pode ser uma ferramenta capaz de proporcionar o desenvolvimento de ideias de negócio a partir de pontos-chave do Plano de Negócios, identificando uma oportunidade e definindo estratégias sustentáveis.

### **Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor**

- Honig (2004) coloca que, apesar da grande quantidade de pesquisas que relacionam a educação empreendedora e as intenções empreendedoras, discordâncias teóricas e empíricas mantêm-se. Na tentativa de compilar resultados de estudos desta natureza, algumas recentes análises foram conduzidas (Bae, Qian, Miao, & Fiet, 2014; Martin, McNally, & Kay, 2013) e comprovaram a existência de uma relação positiva, embora pequena, entre a educação empreendedora e as intenções empreendedoras.
- O presente estudo segue a tradição de pesquisa empreendedora baseada em evidências, trazendo como contribuição acadêmica a discussão sobre a educação empreendedora e o perfil empreendedor.
- No entanto a sustentabilidade das novas empresas é uma preocupação que permeia o empreendedorismo. Uma possível solução para amenizar essa situação seria a formação de empreendedores mais qualificados no âmbito da gestão. Diante disso, os Cursos de Administração aparecem como parte atenuante desse fenômeno da baixa sustentabilidade das novas empresas.

· O perfil empreendedor foi o atributo utilizado para realizar a pesquisa. Assim, ficou evidenciado que o perfil empreendedor de estudantes que participaram de Atividades Educacionais de Formação em Empreendedorismo (AEFE) apresentou alterações nas dimensões que o compõem em relação aos dos estudantes que não participaram. As dimensões Autorrealização, Planejador, Inovador, Assume Riscos, Líder e Sociável formaram o perfil empreendedor deste trabalho e, dessa maneira, confirmaram a característica multidimensional do sujeito empreendedor. Ademais, a partir desta investigação, foi possível perceber que algumas dimensões do perfil empreendedor sofreram maiores alterações que outras. As dimensões Líder e Sociável, quando analisadas individualmente, não apresentaram alterações significativas entre os dois grupos. Seria isso um forte indício que estas dimensões estão sendo bem trabalhadas nos Cursos de Administração, a ponto de se direcionar mais ênfase na formação empreendedora para as demais dimensões? As dimensões Autorrealização, Planejador, Inovador e Assume Riscos, por sua vez, foram as que sofreram alterações significativas, atestando que o ensino do empreendedorismo pode desenvolver as características do sujeito empreendedor em estudantes universitários, mesmo antes de se abrir um negócio próprio.

### **A educação para o empreendedorismo como facilitador da inclusão social: um caso no ensino superior**

· Este trabalho pretende apresentar a educação para o empreendedorismo como um instrumento fundamental para a inclusão social, através da formação e do desenvolvimento de competências para a criação do próprio emprego.

· No âmbito da União Europeia a promoção do desenvolvimento das pessoas e sua inclusão na sociedade através da aquisição de novas competências, desenvolvendo o empreendedorismo e promovendo a flexibilidade do mercado de trabalho são considerados fatores estratégicos para o desenvolvimento sustentável.

· Os novos tempos oferecem novas realidades ao ensino, e, conseqüentemente, novos desafios na integração dos jovens no mercado de trabalho. Estas mudanças exigem novos esforços por parte das instituições de ensino no sentido de facilitar a inserção no mercado de trabalho e diminuir o risco de exclusão social decorrente do desemprego e falta de acesso a rendimentos.

· A metodologia “aprender-fazendo” permite aos estudantes a aquisição de competências empreendedoras através do desenvolvimento de dinâmicas de grupo. A “Aprender a Empreender” é financiada pelos seus associados que acreditam que a educação é uma importante fonte de riqueza e que investem e promovem a formação, o espírito empresarial e empreendedor nos jovens, concedendo-lhes a oportunidade única de se desenvolverem. O principal objetivo desta associação é conscientizar os jovens para a importância de “Aprender a Empreender”. Pretende esta associação, fomentar uma atitude enriquecedora e potenciar a capacidade de se reinventar, através do erro e da aprendizagem, estimulando auto-confiança para enfrentar novas situações cada vez mais importantes e difíceis, em várias dimensões/áreas como a cidadania, consciência activa, ética, literacia financeira e desenvolvimento da vida profissional.

· O segundo projeto extra curricular, é o programa Poliemprende, com forte orientação para a comunidade académica dos Institutos Politécnicos, favorece a participação de estudantes, docentes e diplomados que concorrem com ideias e planos de negócio transversais a um conjunto de áreas de saber, valorizando o desenvolvimento pessoal dos participantes através de experiências, práticas e resultados, nomeadamente através do estímulo à constituição de equipas multidisciplinares. A dinâmica do PoliEmprende é

aberta e interage com as regiões onde se inserem os Politécnicos, facilitando a transferência de tecnologia.

Pela leitura dos artigos e relatórios do SEBRAE observou-se que existe muita intenção em empreender dos universitários brasileiros e que é possível aprimorar as características empreendedoras ao conduzir atividades que desenvolvam o perfil empreendedor, porém há pouco investimento das IES brasileiras quanto a educação empreendedora, diferenciando-se ainda em IES públicas e privadas. As IES privadas dão maior incentivo ao estudo do empreendedorismo, enquanto nas públicas a percepção é que falta maior aplicação nesta área. Segundo, Santos & Caseiro, 2012, a formação em empreendedorismo é hoje tão necessária a um profissional de gestão ou economia como a um profissional da área de humanas, como ciências sociais, engenharia ou artes.

A educação empreendedora tem se direcionado para o ensino do empreendedorismo a estudantes do ensino superior, com destaque para o curso de Administração, dada a correlação deste com a inovação, oportunidade, gestão e desenvolvimento econômico (Acs, 2006; Degen 2009 apud Rocha & Freitas, 2014) mas há o entendimento que o seu ensino deve ser ampliado para outros cursos e níveis de ensino. Ou seja, é necessário expandir os estudos de empreendedorismo para todos os cursos das IES e não somente na Administração, para que as competências pessoais (autoconfiança, motivação, desenvolvimento de pensamento crítico e autonomia) e as sociais (capacidade de cooperar, de criar redes, de trabalhar em equipe e de assumir novos papéis), competências associadas à empreendedores sejam desenvolvidas em todos os universitários que possam se preparar para ocupar novos cargos ou optar por criar seu próprio negócio.

Por isso, Guerra & Grazziotin (2010) reforçam que as instituições de ensino devem ser responsáveis pelo desenvolvimento de uma rede de saberes inter-relacionados, proporcionando a busca da realização das ideias que levam a quebrar paradigmas e desconstruir mitos que possam impedir o desenvolvimento de uma sociedade. Os autores alertam que uma instituição de ensino com mentalidade empreendedora só é possível com direção, profissionais e professores de mentalidade empreendedora.

No Brasil não há um incentivo governamental, diferente da UE que direciona desde da educação de base a fomentação a educação empreendedora. A importância de fazer com que os estudantes ainda na escola aprendam a projetar seu futuro e a elaborar um plano de ação para



seu desenvolvimento acadêmico e para seu desenvolvimento profissional, permitindo inserir-se e atuar no “novo” mundo do trabalho e desenvolver a capacidade de autogestão.

Segundo Pessoa e Gonçalves (2004) e Martens e Freitas (2008), a aprendizagem do empreendedorismo é mais efetiva ao se propiciar ao educando a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos. Oliveira (2006) explica que os mecanismos de ensino do empreendedorismo devem ser integradores, ultrapassando os limites da escola e alcançando as esferas públicas e privadas.

Outra forma de incentivar a educação empreendedora é a integração de empresas públicas e privadas com IES para desenvolvimento do espírito empreendedor, levando para a prática, conhecimentos e comportamentos aprendidos em sala de aula. A promoção de aprendizagens experienciais para vivência empreendedora dentro e fora das universidades, pode ser por meio de investimento de empresas em atividades realizadas dentro das universidades ou com a colaboração de alunos em atividades já exercidas por startups, novos negócios de grandes empresas ou novos projetos.

É presente também em muitos artigos, o empreendedorismo social, onde o comportamento empreendedor emerge como estratégia de ampliação de carreira em um ambiente instável e incerto, incentivando que o aluno saiba visualizar oportunidades de mercado, abrindo um novo negócio e gerando novos empregos.

Alguns artigos citam ainda metodologias de ensino e ferramentas que já são lecionadas em disciplinas ligas a empreendedorismo para incentivar a abertura de novos negócios a jovens universitários, como o BGM (Business Model Generation), Teoria Effectuation e o Plano de Negócios, seja para criação de negócios inovadores, uma nova oportunidade no mercado de trabalho ou para reduzir os custos e os riscos de iniciar um negócios já difundido no mercado. Esses estudos mostram como os educadores podem melhorar a aplicação desses modelos em suas disciplinas.

Reforçando a literatura de Gomes et al. (2014) , onde novas formas de ensino devem ser reforçadas para que jovens pensem em inovar no mercado,as novas metodologias utilizadas para a formação de empreendedores, observou-se que são variadas propostas práticas pedagógicas, e há uma grande ênfase em que a formação capacite o aluno para a realização de ações empreendedoras, com atividades que fomentem a prática, não sendo baseadas somente em conteúdo teórico. Dentre as práticas pedagógicas mais citadas, destacamos:

***Quadro 8: Práticas pedagógicas mais citadas***

<b>PRÁTICA PEDAGÓGICA</b>	<b>AUTOR/ANO</b>
<b>Aulas expositivas</b>	Henrique & Cunha, 2008 Rocha & Freitas, 2014
<b>Discussões de grupo e em sala de aula</b>	Henrique & Cunha, 2008 Rocha & Freitas, 2014
<b>Plano de negócios</b>	Henrique & Cunha, 2008 Rocha & Freitas, 2014
<b>Dinâmicas de grupo</b>	Henrique & Cunha, 2008 Rocha & Freitas, 2014
<b>Foco em teoria</b>	Henrique & Cunha, 2008 Rocha & Freitas, 2014
<b>Aplicar a teoria à realidade dos alunos</b>	Iizuka & Moraes, 2008 Schaefer & Minello, 2016 Salussi & Andreassi, 2016
<b>Estudos de casos e jogos</b>	Iizuka & Moraes, 2008
<b>Planejar e abrir um novo negócio, ser inovador, assumir riscos</b>	Henrique & Cunha, 2008 Rocha & Freitas, 2014 Gomes et al., 2014 Iizuka & Moraes, 2014
<b>Aprender com a tomada de decisão</b>	Chagas(2001), Rocha & Freitas (2014),

Para os autores, a diversificação da metodologia utilizada deseja capacitar o aluno para que este possa intervir em sua realidade, contribuindo para organizações já existentes, mas, principalmente, por meio da criação de novos negócios.

Ao comparar as recomendações encontradas na literatura pesquisada e as trazidas pelo GEM, encontrou-se que alguns autores (Mendes, 2011; Tschá & Cruz Neto, 2014; Guerra & Grazziotin, 2010; apud Schaefer & Minello, 2016) que sugerem que o empreendedorismo não seja ministrado como uma disciplina isolada, mas que deve apresentar um caráter transversal no processo de formação do aluno empreendedor. Essas recomendações são corroboradas no relatório do GEM de 2001 ao afirmar que os conteúdos dos programas de ensino e as abordagens pedagógicas adotadas pelas escolas e universidades devem assegurar a integração com as demais disciplinas, independente da área de conhecimento tratada.

Outro ponto importante, são as mudanças no papel do professor, concorda Dolabela (1999), em seu livro, Oficina do empreendedor, sinalizando que o professor deve abandonar suas antigas funções de mediador do conhecimento. Ele deve, agora, criar um ambiente favorável para que o aluno venha a se tornar um futuro empreendedor. Os papéis de professor e aluno invertem-se em muitas ocasiões, em que os alunos são os agentes de geração de

conhecimento individualizado, transmitindo à sala de aula os conhecimentos que eles próprios geraram e o professor tem a tarefa de induzir o processo de autoaprendizado. O autor ainda enfatiza que “[...] O professor deve estabelecer um network com o ambiente empresarial e levá-lo para a sala de aula”. Essa metodologia inspira-se em um processo de aprendizagem utilizado por empreendedores na vida real, ou seja, deve existir um contexto que estimule o aprendizado como decorrente da ação no qual o aluno deve ser colocado em situações semelhantes às encontradas na vida real, incitando-o a sair dos limites da sala de aula para entender o funcionamento do mercado, para então voltar a ela e desenvolver processos de trabalho semelhantes aos dos empreendedores.

## 5. CONCLUSÕES

Conforme tratado na introdução deste trabalho, buscou-se realizar uma análise da oferta de ensino empreendedor nas instituições brasileiras de ensino superior identificando as suas iniciativas, os avanços alcançados na promoção do ensino empreendedor, bem como a contribuição das metodologias utilizadas para a formação do perfil empreendedor nos universitários. O empreendedorismo é visto como promotor de desenvolvimento econômico e social, por isso há interesse na formação de empreendedores.

Identificou-se que ao longo dos anos ocorreu ampliação da oferta do ensino empreendedor nas instituições de ensino superior, como uma iniciativa para que se pudessem formar profissionais aptos não somente às demandas das organizações, mas também para que se possa contribuir de modo mais criativo para as organizações com que colaboram ou, mais do que isso, estejam aptos a criar e gerir seus próprios empreendimentos e gerar oportunidades no mercado de trabalho.

É evidente a necessidade de melhorias no que tange à oferta do ensino empreendedor tais como: ampliação da oferta de cursos de ensino empreendedor (em todas as áreas acadêmicas), investimento no treinamento de professores, interação entre IES e empreendedores de sucesso, ações dentro das IES que deem ênfase na atividades prática, empresas parceiras para a promoção da prática do empreendedorismo e apoio aos alunos para formação de novos empreendimentos.

A relevância do ensino do empreendedorismo e que este deve prever ações, não se restringindo à transmissão de conteúdos teóricos, com diversificadas metodologias, no entanto, parece não haver consenso quanto às metodologias mais adequadas para a formação do empreendedor, embora busque-se desenvolver e estimular a ênfase na intervenção prática e estimular nos alunos as competências necessárias para empreender. É importante verificar, conforme relata alguns artigos, as experiências didáticas práticas de ensino empreendedor, já utilizadas, para estimular e orientar professores a empregar essas práticas em suas disciplinas.

Pode-se afirmar que os empreendedores brasileiros estão entre os que empreendem por oportunidade. De um modo geral, podemos caracterizar a atividade empreendedora brasileira como extremamente relevante e expressiva se considerarmos o percentual da população envolvido diretamente nesta atividade. Além dos benefícios econômicos, verifica-se o caráter inclusivo na expansão dos negócios por conta própria, em que jovens e mulheres têm sido responsáveis por novas iniciativas. No que diz respeito aos fatores que impulsionam a atividade

empreendedora no Brasil, o país se encontra mais motivado pela capacidade de eficiência, ao lado de países como China, México e Rússia, do que pela inovação, como o que verificamos em países de alto desenvolvimento tais como Alemanha e EUA (Eslabão & Bon Vecchio, 2016).

As variadas técnicas e métodos pretendem desenvolver um indivíduo com formação que permita contribuir para o desenvolvimento de um empreendimento próprio ou ainda, desenvolver o seu potencial criativo nas organizações em que vier a ser um gestor, ampliando as perspectivas de atuação.

Entende-se também como importante que a metodologia utilizada considere a realidade em que o empreendedor está inserido. Sugere-se também o investimento na preparação e adequação dos professores para o desenvolvimento de atividades mais eficazes no que tange ao ensino empreendedor que não se limite a conteúdo teórico, mas incentive ações práticas e utilização de ferramentas empreendedoras em sala de aula.

Como sugestões para futuras pesquisas, entende-se que é necessário examinar políticas que incentivem a educação empreendedora, não somente nas instituições de ensino superior, mas também nas escolas de base. Outro ponto importante é pesquisar como o ensino empreendedor pode contribuir para melhoria social se aplicada em todas as áreas de formação das IES.

## 6. REFERÊNCIAS

ALBERTO, D., SILVA, M. J., & RODRIGUES, R. (2007). Ensino do empreendedorismo: análise comparativa em universidades estado-unidenses, europeias e Chinesas. In Anais do IX Seminário Luso-Espanhol de Economia Empresarial. Covilhã.

ALBUQUERQUE, Cristina Pinto; FERREIRA, José Soares & BRITES, Graça. Educação Holística para o empreendedorismo: uma estratégia de desenvolvimento integral, de cidadania e cooperação. Revista Brasileira de Educação, V. 21, n. 67, out-dez, 2016, Rio de Janeiro.

ALMEIDA, Rachel de Castro & CHAVES, Miguel. Empreendedorismo como escopo de diretrizes políticas da União Europeia no âmbito do ensino superior. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 02, p 513-526, abr./jun. 2015.

BASILIO, Marcelo Dib; GIL, Antonio Carlos & OLIVEIRA, Priscila Balbino de. Identidade de lugar e disposição para empreender. Pretexto. Belo Horizonte, 2012, vol. 13, número 4, pg. 123-136, out/dez.

CHING, Hong Yiu & KITAHARA, José Renato. Propensão a empreender: uma investigação quantitativa baseada nas características empreendedoras de alunos do curso de Administração. Revista de Ciências da Administração, vol. 17, número 43, p. 99-111, dez 2015, Florianópolis.

COSTA, Alessandra Mello da; BARROS, Denise Franca & CARVALHO, José Luis Felício. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 15, n. 2, pp. 179-197, mar./abr. 2011.

DE MUYLDER, Cristiana; DIAS, Alexandre Teixeira & OLIVEIRA, Cláudio Luiz. É possível ensinar empreendedorismo? Análise comparativa com estudantes brasileiros. Revista de Ciências da Administração, vol. 15, número 37, p. 82-91, dez 2013, Florianópolis.

DOLABELA, F. Oficina do empreendedor. 1. ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

ENDEAVOR. <https://endeavor.org.br/quem-somos/>

ESLABÃO, Daniel da Rosa & BON VECCHIO, Fabrizio. Condições e Obstáculos ao Empreendedorismo no Brasil. E3 – Revista de Economia, Empresas e Empreendedores na CPLP | Volume 2 | Número 2, 2016, Portugal.

FERREIRA, Gabriela Cardoso; SORIA, Alessandra Freitas & CLOSS, Lisiane. Gestão da interação Universidade-Empresa: o caso PUCRS. Revista Sociedade e Estado, vol. 27, número 1, jan./abr. 2012, Brasília.

GERA - Global Entrepreneurship Research Association. Empreendedorismo no Brasil 2015. Global Entrepreneurship Monitor.

GERA - Global Entrepreneurship Research Association. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. Global Report 2016/17.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6ª. Edição. Atlas, 2017. P.27 e 50

GOMES, D.C.; SILVA, L.A.F.; D'ANJOUR, M.F. & AÑEZ, M.E.M. Empreendedorismo jovem: da escola para o mercado de trabalho. *Holos*, ano 30, vol. 5, 2014, IFRN, Rio Grande do Norte.

GUERRA, M. J., & GRAZZIOTIN, Z. J. (2010). Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In R. M. A. Lopes (Org.), *Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae.

HENRIQUE, Daniel Christian & CUNHA, Sieglinde Kindl da. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. *Revista de Administração Mackenzie*, vol. 9, n. 5, 2008, p.112-136.

IBGE, Coordenação de Metodologia das Estatísticas de Empresas, Cadastros e Classificações. *Demografia das empresas: 2014*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IIZUKA, Edson Sadao & MORAES, Gustavo Hermínio Salati Marcondes de. *Administração: Ensino e Pesquisa, ANGRAD*, Rio de Janeiro, v. 15, no 3, p. 593–630, jul/ago/set 2014.

LAGO, Maria H. Araújo e Rochel M.; OLIVEIRA, Luiz C. A.; CABRAL, Paulo R. M.; CHENG, Lin Chih & FILION, Louis Jacques. O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores. *Química Nova*, vol. 28, suplemento, S18-S25, 2005.

LIMA, Edmilson; LOPES, Rose Mary Almeida; NASSIF, Vânia Maria Jorge & SILVA, Dirceu. Ser seu próprio patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. *Revista de Administração Contemporânea*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 1, p. 419-439, jul./ago. 2015.

MUNHOZ, Glauca de Souza; BORGES, William Antonio & KEMMELMEIER, Carolina Spack. O empreendedorismo no contexto das mudanças do mundo do trabalho. *Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá*, v. 30, n. 2, p. 155-163, 2008.

PARDINI, Daniel Jardim & SANTOS, Renata Veloso. Empreendedorismo e interdisciplinaridade: uma proposta metodológica no ensino de graduação. *Revista de Administração da FEAD-Minas*, v. 5, 2008.

PEREIRA, Giveldna Maria Costa; CASTRO, Felipe Nalon; LANZA, Luciana Nunes Menolli, & LANZA, Daniel Carlos Ferreira. Panorama de oportunidades para os egressos do ensino superior no Brasil: o papel da inovação na criação de novos mercados de trabalho. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.24, n. 90, p. 179-198, jan./mar. 2016.

PERIM, Mary Lucia Silva. Comparação do ensino e da prática de empreendedorismo em instituições de ensino superior públicas e privadas de Boa Vista. *Revista de Administração de Roraima*. 2012, vol 2, número 1, p. 67-87.

RAMLOW CAMPELLI, Magali Geovana; CASAROTTO FILHO, Nelson; RAMALHO PRATA BARBEJAT, Myriam Eugênia; OLIVEIRA MORITZ, Gilberto de. Empreendedorismo no Brasil: situação e tendências. Revista de Ciências da Administração, jan./abr. 2011, v. 13, n. 29, p. 133-151, Florianópolis.

ROCHA, Estevão Lima de Carvalho & FREITAS, Ana Augusta Ferreira. Avaliação do ensino de Empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. Revista de Administração Contemporânea. vol.18, no.4, p. 465-486, jul./ago. 2014, Rio de Janeiro.

SALUSSI, Marcus Alexandre Yshikawa & ANDREASSI, Tales. O ensino de empreendedorismo com fundamento na teoria *effectuation*. Revista de administração contemporânea. Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, pp. 305-327, maio/jun. 2016.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. Trabalhos Acadêmicos: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre/RS: AGE Ltda, 2006. 149 p.

SCHAEFER, Ricardo & MINELLO, Italo Fernando. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração. Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, jul./set. 2016, p. 60-81.

SEBRAE/Endeavor Brasil. Relatório Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras 2016.

SEBRAE. Agência SEBRAE de notícias. Setembro de 2016. <http://www.rj.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/RJ/programa-nacional-de-educacao-empresadada-comeca-na-unigranrio-em-duque-de-caxias,aa0e9594aaff6510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em jun, 2017.

SILVA, Suely Percínio Moreira & GIL, Antonio Carlos. O método fenomenológico na pesquisa sobre empreendedorismo no Brasil. Revista de Ciências da Administração. 2015, vol. 17, número 41, p. 99-113.

SIQUEIRA, Moema Miranda de & GUIMARÃES, Liliâne de Oliveira. Novos desafios do empreendedorismo. Revista Administração em Diálogo, v. 9, n. 1, 2007, p. 144-156, PUC-SP.

VERGA, E. & SOARES DA SILVA, L. F. Empreendedorismo: evolução histórica, definições e abordagens. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, v. 3, n. 3, p. 3-30, 2014.